



Afro-Ásia

ISSN: 0002-0591

revista.afroasia@gmail.com

Universidade Federal da Bahia

Brasil

Fiume, Giovanna

Antônio Etíope e Benedito, o mouro: o escravinho Santo e o preto eremita

Afro-Ásia, núm. 40, 2009, pp. 51-104

Universidade Federal da Bahia

Bahía, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=77019782002>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica

Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal

Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto



## ANTÔNIO ETÍOPE E BENEDITO, O MOURO: O ESCRAVINHO SANTO E O PRETO EREMITA

Giovanna Fiume<sup>\*\*\*</sup>

Antônio de Noto e Benedito de São Fratello gozaram, nos últimos decênios, de um grande e renovado interesse, porém creio que, se abordados conjuntamente, ainda tenham muito a dizer aos estudiosos e possam abrir novas perspectivas de pesquisa. Biograficamente, são quase contemporâneos: Antônio, oficialmente, morre “bem velho”<sup>1</sup> (na verdade, talvez apenas sexagenário), em 15 de março de 1549 (provavelmente, em 1550), na cidade de Noto, próxima a Siracusa; Bene-

<sup>\*</sup> Professora de História Moderna na Faculdade de Ciências Políticas da Universidade de Palermo.

<sup>\*\*</sup> Tradução e pesquisa iconográfica com comentários por Renato da Silveira. Este artigo, escrito originalmente em italiano, apresenta entretanto largos trechos no siciliano renascentista (siciliano: língua regional ou minoritária do sul da Itália, sistematizada no século XIII), no latim eclesiástico, no espanhol seicentista e no francês contemporâneo. O título já sintetiza as dificuldades encontradas na tarefa, parte dele escrito em siciliano, conforme os termos encontrados no processo de canonização de Antônio, na segunda metade do século XVI. Eis o título original: “Antonio Etiope e Benedetto il Moro: il *santo scavuzzo* e il *nigro eremita*”, no qual *scavuzzo* (pronuncia-se scávutzo), é o diminutivo de escravo; por outro lado *Antonio nigro* está traduzido como *Antônio preto* porque o *nigro* siciliano corresponde ao *nigger* inglês, ao *nègre* francês e portanto mais precisamente ao *preto* luso-brasileiro - que é ao mesmo tempo o africano e o escravo - termo ideologicamente pesado, parte de um vocabulário opressivo, designador da categoria mais discriminada da sociedade. Agradeço efusivamente à própria autora Giovanna Fiume, que conhece bem o português e me ajudou a decifrar esta e outras passagens árduas deste texto, bem como ao caro colega Leonardo Boccia, que releu e comentou os trechos no siciliano.

<sup>1</sup> Fra' Vincenzo da Noto, *Vita del beato Antonio*, ms. do século XVI, in *Vitae, processus et miracula aliquot Sanctorum Siculorum*, Biblioteca Comunale di Palermo (BCP), 3QqC36, fasc. 30, c. 3r.



dito, aos 4 de abril de 1589, em Palermo, com 65 (talvez 64) anos; ambos são negros africanos, mas o primeiro é muçulmano, nascido nos montes de Barca, na Líbia, capturado pelas galés de guerra dos cristãos sicilianos e escravizado; o segundo nasce na Sicília, filho de escravos africanos; um foi alforriado pelos senhores, outro talvez libertado no momento do nascimento; ambos tornaram-se irmãos leigos franciscanos, com forte vocação eremítica e ênfase em uma espiritualidade de tipo ascético; ambos taumaturgos e com fama de santidade ainda em vida. Não é, portanto, apenas o dado racial que os assimila, ainda mais se considerarmos que o primeiro tinha traços somáticos “etíopes”, linhas faciais sutis, cor morena e um corpo longilíneo, enquanto o segundo tinha o aspecto geral das populações da África centro-ocidental, nariz achatado, boca carnuda, estatura mediana e colorido escuro, tendendo ao ébano.<sup>2</sup>

São ambos conhecidos graças a iniciativas tomadas, logo após suas mortes, pelos confrades da Ordem franciscana das cidades de Noto e Palermo, e por um grupo de devotos e fiéis, motivados pelas graças que eles propiciaram em vida e que suas relíquias continuaram a proporcionar *post mortem*. Em ambos os casos, logo após os funerais, iniciou-se a coleta dos testemunhos exigidos para a abertura da *inquisitio* pelo tribunal eclesiástico local, visando atestar as virtudes dos canonizando e comprovar a existência de milagres.

Em 1589, quando Benedito morre em Palermo, no convento de Santa Maria de Jesus, o processo de canonização de Antônio já está em andamento. Sua fama já está estabelecida, pelo menos nos conventos sicilianos: a Ordem de São Francisco alimenta a devoção a um dos seus filhos que representa as virtudes seráficas de modo tão excelso, a ponto de propiciar formas espontâneas de devoção e de culto. Já nas primeiras hagiografias de Benedito, cronologicamente próximas das etapas iniciais do processo de canonização, pretende-se que, naquelas circuns-

<sup>2</sup> No reconhecimento médico-legal realizado nos ossos de Antônio, em 22 de agosto de 1977, a autópsia presume que “o esqueleto pertença a um indivíduo adulto do sexo masculino de cerca de 1,80 m”. *Verbale di ricognizione medico-legale*, in S. Guastella, *Lui e noi per loro. Fonti di archivio e documenti sul B. Antonio di Noto*, Noto: Ed. Caritas, 2000, p. 162.



*À esquerda, Santo Antônio de Noto, altura 20 cm; Portalegre (Portugal), Museu Municipal. À direita, São Benedito, altura 67 cm; Santiago do Cacém, igreja matriz. Esculturas em madeira policromada do século XVIII. A iconografia dos dois mansos santos negros foi frequentemente assimilada à do franciscano português Santo Antônio de Pádua, carregando nos braços Jesus menino. Benedito também é representado, como é o caso, distribuindo pão aos pobres.*



tâncias, ao lado do leito do moribundo, apareceram Santa Úrsula e o beato Antônio, também chamado de Calatagirone. Benedito, dirigindo-se a seus dois enfermeiros, disse: “E onde podemos colocar tantos mongezinhos que nem cabem nesta cela?” E o enfermeiro respondeu: “Padre, nós os colocaremos dentro de um monastério”; donde Benedito respondeu: “Oh! que grande ideia, padre”, acrescentando: “Eis o beato Antonino da Calatagirone!”

*Ma avvidendosi che non tutti vedevano la visione che esso vedeva, si posse in silentio et non parlava restando per quella vissione fuor di sé, vedendosi la sua faccia tutta illuminosa et resplendente; et si sentì una fragrantia grande come di Paradiso dove per questa causa si comprese chiaramente che santa Ursula con le sue sante vergine l’havessiro venuto per consolarlo [...] delli quali vergine si dice anche solino dimostrarsi alli soi devoti et aiutarli in tempo della morte sì come si legge in molti esempii.*

(Mas apercebendo-se que nem todos viam a visão que ele via, recolheu-se ao silêncio e não falava, ficando fora de si por causa daquela visão, vendo os presentes sua face toda iluminada e resplendente; e sentiu-se no ar uma fragrância grande, como vinda do Paraíso, por essa causa se compreendeu claramente que Santa Úrsula com suas santas virgens tivessem vindo para consolá-lo [...] das quais virgens se diz que só costumam demonstrar-se aos seus devotos para ajudá-los na hora da morte, como se pode ler em muitos exemplos).<sup>3</sup>

Aqui o momento do falecimento reveste-se de uma importância especial: se a presença de Santa Úrsula reforça a esperança de uma boa morte, Antônio, que vem acolher a alma de Benedito para conduzi-la em triunfo, simboliza a forte continuidade entre os dois frades e traça um modelo de santidade franciscana negra.<sup>4</sup> Como já tive a oportuni-

<sup>3</sup> A. da Randazzo, *Vita et miracoli del Beato Benedetto di San Fradello*, in *Vitae, processus et miracula*, op. cit., fasc. 19, atualmente in G. Fiume e M. Modica (orgs.), *San Benedetto il Moro. Santità, agiografia e primi processi di canonizzazione*, Palermo: Biblioteca Comunale, 1998, p. 167.

<sup>4</sup> Úrsula, filha de um rei bretão, nascida c. 975, foge com onze mil companheiras\* no dia das núpcias com um pagão a quem seu pai a destinara; chegando a Colônia, cidade conquistada pelos hunos, as jovens são assassinadas. Cf. sua história em Jacopo da Varagine, *Legenda aurea*, Firenze: Libreria Editrice Fiorentina, 1998, pp. 712-18, obra dedicada à Santa Mártir Ângela Merici, que recebeu tal título em 1535, quando foi fundada a comunidade das “madres espirituais”, a qual prestava assistência às jovens que viviam em família, inspirando-se nas



de de refletir sobre Benedito em outra ocasião,<sup>5</sup> aqui vou ocupar-me particularmente de Antônio, procurando retrazar o fio comum que os conduziu juntamente à América Central e à Meridional, onde, ainda hoje, sua devoção é extremamente viva.

Ao contrário, o culto de Antônio desapareceu completamente de Noto, onde foi perdida até mesmo sua memória, enquanto o culto de Benedito, atualmente, limita-se ao município de São Fratello (na província de Messina), onde ele nasceu e permanece o padroeiro principal, e à zona de Santa Maria de Jesus (subúrbio de Palermo), onde o convento homônimo custodia seu corpo incorrupto e mantém vivo o seu culto numa sede local.

O beato Antônio da Calatagirone, como vimos, “negro nascido nos montes de Barca”, não é somente “negro como aqueles da Guiné, Xalofe e Monicongo, como também mouro, nascido e educado sob a lei de Maomé, e filho de genitores mouros e negros”.<sup>6</sup> Antônio, sendo africano e maometano, Deus o teria reconduzido à sua Igreja por intermédio das galés cristãs da Sicília, que o capturaram como escravo e o venderam a Giovanni Landavula (ou Iandavula, Landanula, Iandavula, corruptelas de Ian de Ávola), cidadão dessa cidade vizinha de Noto, que o emprega como pastor dos seus rebanhos.

Nos primeiros decênios dos Quinhentos, a guerra corsária atravessa sua fase mais aguda: as galeotas de Khair-el-din, dito o Barbarruiva, continuador das atividades do seu irmão Arug, “o terror dos cristãos”, de Dragut e de Uccialì, patrulham o Mediterrâneo, enfrentadas pela marinha espanhola e pela marinha corsária dos cristãos. As escaramu-

---

regras da Igreja primitiva. Paulo III aprovou tal regra em 1544. Úrsula, junto a Ninfa, Ágata, Cristina e Olívia, são as santas protetoras dos mandamentos de Palermo.

\* Na verdade, não com onze mil, com onze companheiras. As “Onze mil virgens” foram consideradas “as primeiras padroeiras do Brasil, e Santo Antônio [de Lisboa], da Bahia, conforme documento da Câmara” (Ver Maria Helena Ochi Flexor, “Santo Antônio de Lisboa... e da Bahia”, in Flexor e Fragoso (orgs.), *Igreja e convento de São Francisco da Bahia*, Rio de Janeiro: Versal, 2009). (N.d.T.)

<sup>5</sup> G. Fiume, *Il Santo Moro. I processi di canonizzazione di Benedetto da Palermo (1595-1807)*, Milão: Angeli, 2002.

<sup>6</sup> “Un Negro nacido en los montes de Barca [...] negro como los de Guinea, Xalofe y Monicongo, sino tambien Moro, nacido y criado en la ley de Mahoma, y hijo de padres Moros, y negros”. Ver A. Daça, *Quarta parte de la chronica general del nuestro Serafico Padre San Francisco y su Apostolica Orden*, Valladolid, 1611, l. III, p. 156.



ças se estendem até Mascali, Catânia, Augusta, Noto, Capo Passero, na Sicília oriental, despovoam, sistematicamente, a Ústica e atingem, frequentemente, os subúrbios de Palermo, Trápani, Castellammare, Isola delle Femmine e Cefalù, na Sicília ocidental.<sup>7</sup> Entre o fim do século XV e as primeiras décadas do século XVI, a Sicília consegue o máximo incremento na presença de escravos.<sup>8</sup>

O nosso escravo nunca procura fugir, apesar de, “por serem tantos os Mouros corsários que navegam naqueles mares”, muitas ocasiões se apresentarem.<sup>9</sup> Converte-se ao Cristianismo por especial inclinação da alma, “sem nenhum tipo de dubiedade ou de malícia”, vindo a ser batizado com o nome do glorioso padre Santo Antônio.\*

Em 22 de abril de 1549, poucas semanas depois da sua morte, sob mandato do vice-vigário da cidade de Noto, Giovanni de Donno, são

[...] *testes et informationes recepti [...] de vita, morte et miraculis condam Antonij nigri olim servi condam Joannis Jandanula et consequenter*

<sup>7</sup> Segundo informações obtidas no *Riveli di beni e di anime* (em que encontramos registrados, entre os bens, os escravos e seus respectivos valores, como, por exemplo, emerge do estudo de R. Cancila, *Fisco, ricchezza, poteri nella Sicilia del Cinquecento*, Palermo: s/editora, 1999), foram enumeradas 138 incursões nas costas sicilianas entre 1570 e 1606, mas é necessário integrar este dado àqueles provenientes de outras fontes, como sugere G. Bonaffini, *La Sicilia e i Barbareschi. Incursioni corsare e riscatto degli schiavi (1570-1606)*, Palermo: Ila Palma, 1983. Para uma visão geral ver F. Braudel, *Civiltà e imperi del Mediterraneo nell'età di Filippo II*, Turim: Einaudi, 1953, parte II, pp. 895-974; S. Bono, *Corsari nel Mediterraneo. Cristiani e musulmani fra guerra, schiavitù e commercio*, Milano: Mondadori, 1993; idem, *Schiavi musulmani nell'Italia moderna. Galeotti, vu' cumprà, domestici*, Nápoles: Edizioni Scientifiche Italiane, 1999; M. Mafrici, *Mezzogiorno e pirateria nell'età moderna (secoli XVI-XVIII)*, Nápoles: Edizioni Scientifiche Italiane, 1995.

<sup>8</sup> Ch. Verlinden, “L’esclavage dans le Centre et le Nord de l’Italie continentale au bas moyen âge”, in *Bulletin de l’Institut historique belge de Rome*, XLI, 1969, pp. 93-155 e idem, 1963, pp. 16-7; G. Marrone, *La schiavitù nella società siciliana dell’età moderna*, Caltanissetta - Roma: Sciascia, 1972, pp. 56-9. A quantificação da população escrava siciliana é controversa: A. Franchina, “Un censimento di schiavi nel 1565”, in *Archivio Storico Siciliano*, n. 32, (1907), pp. 374-420, fala de 12.000 escravos; C. Avolio, *La schiavitù domestica in Sicilia nel secolo XVI*, Florença: 1888, de 50.000 escravos. Sobre o fenômeno em geral ver H. Bresc, “Une société esclavagiste médiévale: l’exemple de la Sicile”, in AA.VV., *Sardegna, Mediterraneo e Atlantico tra Medioevo e età moderna*, Cagliari: Deputazione di Storia Patria per la Sardegna, 1993, t. II, pp. 297-314.

<sup>9</sup> A. Daça, *Quarta parte de la chronica general*.

\* O Santo Antônio português, também franciscano, nascido em Lisboa em 1195; era branco de origem nobre, entrou na Ordem em 1220, onde assumiu altas responsabilidades dirigentes até sua morte, em Pádua, Itália, em 1231 (N.d.T.).







*Michaelis et Vincentii de Iamblundo heredum dicti Joannis Jandanula et ab eis manumissi et ex inde sequuta dicta manumissione in heremo habitantis.*

([...] recolhidos testemunhos e informações [...] sobre a vida, a morte e os milagres do finado Antônio preto, inicialmente escravo do finado Joannis Jandanula e em seguida de Michaelis e Vincentii de Iamblundo, herdeiros do mencionado Joannis Jandanula que o alforriaram e na sequência da dita manumissão ele foi morar em um eremitério.)<sup>10</sup>

As trinta e oito testemunhas ouvidas, exigidas para a abertura de um processo episcopal, são interpeladas e pintam o destino certamente excepcional de um escravo que, logo depois de capturado, é vendido e transferido à posse do senhor Giovanni Iandanula, o qual é proprietário de rebanhos no feudo de Celso, onde tal escravo logo ganha sua confiança, tornando-se “o *zambataro* do rebanho”, ou seja, aquele que fabrica o queijo, mas também cuida dos demais operários. Sabemos, além do mais, que, no mesmo feudo, existiam jovens *bestiamari*, os guardiões do rebanho,<sup>11</sup> descritos por uma testemunha como sendo os destinatários da caridade de Antônio, o qual não acompanhava os animais nas pastagens, sua tarefa era fabricar o queijo e se ocupar das necessidades dos rapazes, cozinhando para eles, lavando-lhes os pratos, colocando ordem no local e ocupando os momentos de ócio com a oração, também trançando “sacolas, vassouras e cestinhas de fibras macias de palmeira”.<sup>12</sup>

A certa altura, Antônio passa a conduzir uma vida de penitência, apesar do trabalho duro, faz jejuns continuamente, dorme pouco em uma cama tosca (o seu leito é feito de “pedaços de pau e ramos secos”), levanta-se à meia-noite, despe-se e se flagela com uma disciplina, trançada com agulhas pontudas, ficando frequentemente extático em oração.<sup>13 \*</sup>

<sup>10</sup> O manuscrito está na BCP, sob a cota 3QqE36, n. 15.

<sup>11</sup> “Vendo alguns pequenos *bestiamari* que tinham fome”, dividiu com eles o seu pão. Ver Antonio de Randi, *De vita, morte et miraculis*, c. 9. Já os *prezzamari* são membros das “associações pastorais sicilianas” entre proprietários de rebanhos de ovelhas, cabras, cavalos, etc., regidas consuetudinariamente por São Sonnino; Ver *I contadini in Sicilia*, Firenze: Vallecchi, 1925, vol. II, p. 19. Sobre o tema, ver O. Cancila, “Il reddito della pastorizia. Un’impresa del Seicento”, in ID., *Impresa, redditi, mercato nella Sicilia moderna*, Roma/Bari: Laterza, 1980, p. 215 e passim.

<sup>12</sup> Do mesmo modo Franciscus Galvanus, de Trápani, que morou durante quatro anos com Antônio, *De vita, morte et miraculis*, cit., c. 25.

<sup>13</sup> Em tal narrativa a vida de privações do escravo muda de registro, transfigurando-se em penitência cristã. Do outro lado do Mediterrâneo aos escravos cristãos também eram





*Essendo in la mandra di dicto so patrui per quella poco di intervallo chi havia lo giorno si pigliava li paternostri in mano et quelli continuamente dicia cum grandi devotioni et la nocti similmenti sempri in lo pagliaro lo sentia vigilanti et ci intendia diri orationi et multi volti la nocti si levava quando tutti erano quietati et cum destriza chi non lo sentissi alcuno, nexia di lo pagliaro et spogliato in genochioni ad un loco secreto si donava disciplini [...] et domandava perduno a nostro Signore Idio.<sup>14</sup>*

(Estando atarefado na fazenda do dito seu senhor, qualquer intervalo que tivesse no dia, pegava o Paternostro nas mãos e rezava continuamente com grande devoção, e, à noite, sempre da mesma maneira, na sua cama de palha permanecia em vigília e era ouvido igualmente dizendo orações, e se levantava muitas vezes, quando todos estavam quietos e com habilidade, para que ninguém o ouvisse, deixava o seu palheiro despido e de joelhos, indo flagelar-se em um local secreto [...] e pedia perdão a Deus nosso Senhor).

Nunca ficava entediado ou com cara de sofredor, sempre estava calmo e contido, era amicíssimo dos pobres (“tudo aquilo que era seu quinhão ele cedia e dividia com os pobres”),<sup>15</sup> execrava a blasfêmia, golpeava-se no peito com uma grande pedra toda vez que ouvia pronunciarem alguma, pedia perdão a Deus, lacrimejando, de tal maneira que aqueles que lhe estavam próximos, para evitar tal reação, se abstinham de blasfemar; e, quanto ao ócio, quando não estava ocupado com os animais, trançava não somente sacolas, como também rosários, que presenteava aos pobres, para encorajar a devoção à Virgem. Nas quartas e nas sextas-feiras, como forma especial de mortificação, carregava uma grande pedra nas costas. É taciturno (“*de pocas palabras y tardo en hablar*”, como o descreve o hagiógrafo espanhol), talvez para escapar à zombaria que suscita o seu “negresco”, como é chamado o falar típico

reservadas as mesmas tarefas: “Outros colocados em grandes campos no calor, no gelo, a pastorear rebanhos com pouquíssima comida, arroz insípido e frutas [...] Outros colocados no remo, etc.” Ver G. Piga, *Oratione per la guerra contro i Turchi*, Roma: 1589, p. 143, dedicado a Sisto V e aos príncipes cristãos.

\* *Disciplina*, naquele contexto linguístico, quer dizer chicote.

<sup>14</sup> Antonio de Randi, *De vita, morte et miraculis*, c. 7. Antonio de Gamba, que “conversou” com ele durante oito anos no feudo de Celso, acrescenta que no toque da meia noite e na madrugada se “disciplinava sem tumulto nem estrépito” para não se fazer ouvir pelos rapazes; *ibidem*, c. 10. Se surpreendido, imediatamente se vestia e voltava a dormir.

<sup>15</sup> *Ibidem*, c. 8.



dos escravos que aprenderam já adultos uma língua estrangeira (frequentemente um dialeto) e que dominam pouco; sua devoção à “coroa de nossa Senhora” e ao Rosário, continuamente citada pelas testemunhas como sendo sua especial tendência, também pode ser vinculada ao uso do rosário muçulmano (*al-salahat*), que lhe devia ser familiar, ou ao *comboloya*, constituído de uma cordinha de quarenta nós, ou ainda ao terço de grãos de noz de palmeira, usados como objetos divinatórios.<sup>16</sup>

É um homem piedoso, que confessa e comunga frequentemente em Ávola, na igreja de Santa Venera, no altar de São Jacó, “com lamparina acesa”, e, até mesmo, compra certa vez um pálio e um par de candelabros para tal altar.<sup>17</sup> Antônio ama a companhia do honorável Corrado de Cortisi e de Blandano (ou Brandano) Terranova, com quem conversa sobre “*cose spirituali*” e sobre como se deva “observar a vida cristã”, e essas conversações lhes agradam tanto que os dois encomendam “a mestre Giorgio, costureiro maltês uma *gunnella* de lã, à guisa de túnica, e Blandano o encoraja a ir até o local de São Conrado”, onde Corrado de Cortisi, durante um ano, lhe faz companhia, conduzindo, juntos, vida penitencial e contemplativa, jejuando a pão e água quatro dias na semana, flagelando-se todas as quartas e sextas-feiras. Mas não só a túnica lhe dá Corrado: encontrando na sacola de Antônio a *disciplina* ensanguentada, manda confeccionar uma outra com pequenos anéis de prata, para substituir as agulhas que lhe poderiam causar infecções.<sup>18</sup> No leito de morte, dirá que tomou o hábito no convento de Santa Maria de Jesus.

Esta notícia da pronúncia de votos só pode ser encontrada nos testemunhos de 1549, que também assinalam sua cada vez maior propensão à vida eremítica, estimulada na região pelos exemplos de Conrado Confalonieri e Guilherme de Scicli.<sup>19</sup> O Barão Blandano Terranova, no-

<sup>16</sup> A. Dell’Aira, “Il santo nero e il rosario: devozione e rappresentazione”, in G. Fiume (org.), *Il santo patrono e la città. San Benedetto il Moro: culti, devozioni, strategie di età moderna*, Venezia: Marsilio, 2000, pp. 164-79. Do estudo das fontes inquisitoriais sicilianas, aprendemos que o uso do rosário-*comboloya* e a devoção à Virgem do Rosário eram muito difundidos entre as comunidades negra e morena da Sicília, para as quais era, aliás, motivo de identificação. Ver M. S. Messana, *Inquisitori, negromanti e streghe nella Sicilia moderna (1500-1782)*, Palermo: Sellerio, 2007.

<sup>17</sup> *De vita, morte et miraculis*, c. 9.

<sup>18</sup> *Honoratus Corradus de Cortisi, De vita, morte et miraculis*, c. 22.

<sup>19</sup> F. Rotolo, *Vita beati Corradi. Precisazioni sulla vita di San Corrado e suo itinerario spirituale*, Noto/ Palermo: Editrice Alveria -- Biblioteca Franciscana, 2000.



bre fiel e piedoso, lia em sua casa “livros devotos para pessoas tementes a Deus que se reuniam com ele”. Antônio agrega-se “àquela congregação e companhia”, pela qual “foi bem recebido” e que o recruta, dito em outros termos, na religião “da Ordem terceira do glorioso São Francisco”, aconselhando-o a ir ao deserto, como tinha feito anos antes “Conrado Piacentino, da mesma regra e hábito”.<sup>20</sup>

Blandano Terranova era conhecido pelos seus contemporâneos por ter longamente viajado “como peregrino nos lugares santos e conquistado, pela sua honestidade, profunda estima na Sicília e na Itália”.<sup>21</sup> Podemos imaginá-lo chefiando uma comunidade de meditação e oração, que era uma das formas pelas quais a vital espiritualidade da primeira Idade Moderna dedica-se à “procura da perfeição”, às vezes sob a direção espiritual de um eclesiástico, outras vezes dirigidos por um leigo, seguindo a tendência difusa, entre os segmentos urbanos mais cultos, a “uma piedade apartada e severa que tinha encorajado a propensão de pequenos grupos a cultivar em comum uma mais intensa vida interior”.<sup>22</sup>

Entre as informações fornecidas pelo processo, sem que nenhum indício tenha precedentemente despertado tal suspeita, aparece improvisadamente o tema do matrimônio de Antônio. Em geral, os senhores não favoreciam o casamento dos escravos, porque “o matrimônio pressupunha algum limite à sua exploração e, portanto, ao direito de servidão”.<sup>23</sup> Os deveres impostos pelo matrimônio religioso – a coabitação, a assistência recíproca, a educação dos filhos – terminavam suavizando a

<sup>20</sup> A. Daça, *Quarta parte de la chronica general*, pp. 161- 62.

<sup>21</sup> V. Littara, *De Rebus Netinis*, Palermo: 1593, trad. de F. Balsamo; *Storia di Noto antica*, Roma: 1969, p. 121. “Aos 4 de julho de 1558, em Montabbodi, deixou este mundo para o prêmio eterno, depois de uma vida constantemente dedicada a Deus e aos pobres, aos quais sempre tinha dirigido seus cuidados. Por intervenção do bispo de Senigallia teve um importante funeral e foi sepultado em uma tumba honorabilíssima entre os prantos e o luto de todos aqueles que foram assistir, lamentando-se de ter perdido tal homem”.

<sup>22</sup> G. Fragnito, “Gli Ordini religiosi tra Riforma e Controriforma”, in M. Rosa (org.), *Clero e società nell'Italia moderna*, Roma/Bari: Laterza, 1995, p. 195.

<sup>23</sup> Por essa razão os senhores acusavam de paganismo e de bigamia os escravos que pretendiam casar-se e por isso estes últimos frequentemente colocavam-se sob a proteção da Igreja. Ver A. Bernard, “Le logiche del profitto. Schiavi e società a Siviglia del Seicento”, in *Quaderni storici*, n. 107, (2001), p. 384, número dedicado a *La schiavitù nel Mediterraneo*.



escravidão e colocando obstáculos à sua prática mercantil: a existência de uma família representava um incômodo à venda, quando os escravos eram negociados separadamente, sobretudo se deviam ser embarcados para as colônias ultramarinas.\*

Assim, depois de trinta e oito anos de trabalho nos campos entre Ávola e Noto, nosso personagem pede licença à mulher e vai, primeiro, para a periferia de São Conrado e, depois, para “as grutas quentes” com outros eremitas, pedindo esmola para os pobres. Constitui uma comunidade eremítica ou agrega-se a uma preexistente, que escolheu como sede, um local chamado Pizzoni.<sup>24</sup> “*Stava ad sancto Corrado di fora* (chama-se ainda hoje *San Corrado di fuori* porque o lugar onde se encontrava o eremitério de São Conrado estava fora dos muros da cidade), *et illà habitava cum certi heremiti*”.<sup>25</sup> Um desses eremitas é Antônio de Gamba, que testemunhou ter vivido com ele durante quatro anos em três diferentes lugares, em “Virgem Maria da Pedreira, num lugar distante habitado por São Conrado e, em seguida, nas grutas quentes”.<sup>26</sup>

O presbítero Miguel Vinturino vai, por dois anos consecutivos, “*conversare*” com ele no eremitério,<sup>27</sup> enquanto o trapanense Franciscus Galvanus vive por quatro anos em São Conrado de Fora com “*cio Antonio nigro*”, atestando sua humildade e vida santa.<sup>28</sup> O respeito de que então desfruta é tal que a *honorabilis* Paula, esposa de Petri Jamblundo, portanto parente de Michele e Vincenzo, que tinham sido senhores de Antônio, ao encontrá-lo trata-o respeitosamente de “*Messeri, per la reverentia che ci havia*”. E lhe pede: “Cure-me e liberte-me desta enfermidade”, enquanto se inclina para beijar a sua mão.<sup>29</sup> *Cio Antonio* a levanta e a abraça, curando-a miraculosamente dos tremores na cabeça que a atormentavam havia tempos.\*

\* Então podemos pensar que Antônio, depois de longos anos de dedicação (que chegaram a trinta e oito!), recebeu este “privilégio” dos seus senhores, o casamento. (N. T.)

<sup>24</sup> Antonius de Randi, *De vita, morte et miraculis*, c. 9.

<sup>25</sup> Antonio de Mure, *De vita, morte et miraculis*, c. 6.

<sup>26</sup> Antonius de Gamba, *De vita, morte et miraculis*, c. 12.

<sup>27</sup> Michael de Vinturino, *De vita, morte et miraculis*, c. 47.

<sup>28</sup> Franciscus Galvanus, *De vita, morte et miraculis*, c. 25.

<sup>29</sup> Paula de Jamblundo, *De vita, morte et miraculis*, c. 43.

\* Trapanense é o natural da cidade siciliana de Trápani; *Cio* significa literalmente tio e indica familiaridade e respeito.



Os milagres de que se tem notícia a poucas semanas da sua morte, acontecida em março de 1550, foram realizados em vida (dez) e *post mortem* (nove). Os testemunhos da primeira redação da *Vita* são trinta e oito, dos quais vinte de duas mulheres e dezesseis homens, dentre esses, seis religiosos (uma mulher e cinco homens); todos atestam, além dos milagres, as qualidades espirituais e morais do escravo eremita. Entre os favorecidos, está Primavera, “*serva nigra*” de Mariano Mangiameli, aliás “Malvizo”,\* da região de Buscemi, que tem a mão esquerda paralisada, e Caterina, escrava de Michele e Vincenzo Jamblundo, antigos senhores de Antônio, a qual, após quatro dias de labuta dá a luz a um bebê, “depois de colocar por cima do próprio corpo um embornal de *cio* Antônio”.<sup>30</sup>

O santo, em vida, é um taumaturgo: cura efetivamente um “apostema no estômago”, uma “*rottura*” (hérnia), uma tumefação nos “*bottoni*” (testículos), um “tremor de cabeça”, uma “*reuma di rini*” (dor nos rins), um “*male*” impreciso, um buraco no palato... Neste último caso, usa a própria saliva, elemento que aparece frequentemente nos milagres quinhentescos de cura,<sup>31</sup> permanecendo, entretanto, essencial o papel da oração.<sup>32</sup> As suas relíquias fazem os mesmos prodígi-

\* *Malvizo*, em siciliano, significa “cara de mau”, ou “cara feia”, e Mangiameli, “come maçãs”.

<sup>30</sup> Michael de Jamblundo, *De vita, morte et miraculis*, c. 15.

<sup>31</sup> Martino de Porres, na cidade de Lima do século XVI, cura um noviço de um “apostema” no braço, que lhe causava muita aflição: “Começou com a saliva a fazer uma S. Cruz no apostema [...], não lhe punha nenhum emplastro ou medicamento”. F. Iwasaki Cauti, *Fray Martín de Porras: Santo, ensalmador y sacamuelas*, in “Colonial Latin American Review”, vol. 3, n. 1-2, (1994), p. 167. O mais recente hagiógrafo de Benedito dedica muita atenção ao uso da saliva na taumaturgia do santo negro, associando-a à *usanza* popular de cuspir para esconjurar o mau-olhado e para outros múltiplos usos de valor farmacêutico. Ver S. Lukumwena O. F. M., bispo de Kole – República Democrática do Congo, *La spiritualità di San Benedetto il Moro o l'Africano*, Palermo: Edizioni Palermo - Grafiche, 2000, pp. 106-10.

<sup>32</sup> As orações são o ingrediente principal da sequência taumatúrgica, também no caso de Benedito. Sobre isto ver G. Fiume, “I primi processi di canonizzazione di Benedetto da San Fratello”, in G. Fiume e M. Modica (orgs.), *San Benedetto il Moro*, p. 55 e sqq. Mas as orações fazem parte, como se sabe, do remédio mágico e representam a ambígua fronteira entre taumaturgia religiosa e feitiçaria. Ver, entre outros, M. P. Fantini, “La circolazione clandestina dell’Orazione di Santa Marta”, in G. Zarri (org.), *Donna, disciplina, creanza cristiana dal XV al XVII secolo*, Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1996, pp. 45-65. Martin de Porras também é um santo “ensalmador”, ou seja, que cura com os salmos: “Es decir, cierto modo de curar con oraciones, unas veces solas, otras aplicando juntamente algunos remedios. Díxole ensalmo, porque de ordinario los tales ensalmadores usan de versos de los Psalmos, de que se valen para sus sortilegios, y otros modos en la realidad supersticiosos”. F. Iwasaki Cauti, *Fray Martín de Porras*, p. 166.



os: a cal do seu sepulcro cura uma *ustione* na mão, uma hérnia, uma *reuma* no braço e outra no olho, um membro paralisado e um “inchaço do corpo”. O seu manto cura um pé *alterato*, e seu embornal – como vimos há pouco – resolve um parto difícil.

Nos milagres realizados em vida, é frequente a lembrança da oração: quando Antônio Gambacurta leva Antônio à sua casa, onde a mulher e a filha

*hanno preso il male e il medico fisico Vincenzo Bellassai non li ha potuti sanari, et ci pigliava una volta al giorno [Antonio dice loro di avere fede in Gesù Cristo] et cossi si mise a la dricta in pedi in orationi cum li manu junti et quella complita fece lo signo di la sancta cruci in la frunti [...] et dissi: Hagiati fidi a Dio chi entrambo starriti beni.*

(caíram doentes e o médico Vicente Bellassai \* não as pôde curar, e tinham ataques uma vez por dia [Antônio lhes diz de ter fé em Jesus Cristo] e, assim, a citada levantou-se e orou com as mãos juntas e no final fez o sinal da santa cruz na fronte [...] e [Antônio] disse: Tende fé em Deus que ambas ficareis boas).<sup>33</sup>

Um outro doente de *apostema* no estômago, depois de ter perdido a esperança na medicina, aterrorizado pela perspectiva de procurar um cirurgião, debaixo dos ferros do qual a morte era tida como certa, procura Antônio, contando-lhe sobre sua “doença moléstia” e seus cinco filhos futuros órfãos, implorando:

*“Ti prego chi mi ci metti la mano di supra”. E Antonio replica: “Io sugnu povero servo di Christo et mischino piccaturi, como vi pozo sanari; habiate fide a Dio et venite ad sancto Corado chi vi ascutirà”.*

(“Imploro que bote a mão em cima de mim”. E Antônio replica: “Eu sou um pobre escravo de Cristo e mísero pecador, como posso curá-lo? Tenha fé em Deus e venha a São Conrado que ele o escutará”).<sup>34</sup>

De noite a testemunha o encontra coletando a esmola dos pobres e voltando à ativa para “*mettere la mano di supra dicta infermitati*”;

\* Antonio Gambacurta em siciliano quer dizer “Antônio Perna curta”, enquanto Vincenzo Bellassai, “Vicente Muito bonito” (N.d.T.).

<sup>33</sup> *De vita, morte et miraculis*, Joanna, esposa de Antonij Gambacurta, c. 39.

<sup>34</sup> *Magister Antonino, De vita, morte et miraculis*, c. 19.



durante tal operação, Antônio diz “certas orações”, faz o sinal da cruz e manda o paciente confessar-se e comungar. A doença leva doze dias para desaparecer.

Nos trinta e oito anos transcorridos em Ávola, cresce a sua reputação de santidade (Dom Nicola de Eaxone, seu confessor durante quinze anos, nunca teve de absolvê-lo por pecados mortais, apenas por culpas leves). Passado por herança a dois irmãos da cidade de Noto, enquanto as suas forças vão declinando, sua virtude e sua fama de santidade vão crescendo. Doa generosamente aos pobres, os seus companheiros o acusam de desperdiçar os bens dos patrões, os quais, conhecedores de sua honestidade, o encarregam de distribuir esmolas em nome deles. Todos, inclusive os seus senhores, o chamam de “Tio Antônio”, em sinal de respeito, apesar da sua condição escrava. Durante uma epidemia, na qual morrem oitocentas ovelhas, Antônio encoraja seu senhor, prometendo-lhe que Deus haveria de multiplicar seu rebanho dentro de um ano, premonição que termina confirmando-se. Ao multiplicarem-se os milagres, os senhores “temeram ter por escravo alguém que tinha Deus como amigo, e assim lhe deram carta de alforria e licença para ir-se livremente para onde quizesse”.<sup>35</sup> Mas Antônio fica com eles por quatro anos ainda, pelo amor que o liga àquela família, sem nenhum interesse pessoal.

Bem, esses sentimentos de devoção pelos senhores dissimulam uma realidade bem mais crua: a alforria podia ser condicionada a um posterior período de trabalho (quando muitos escravos ganhavam dinheiro para pagar eles próprios a carta de alforria, ou seja, libertavam-se dos senhores pelos próprios meios); além do mais, libertar um escravo velho ou doente, mais do que um sinal de generosidade, podia ser um modo de abandoná-lo ao próprio destino, quando já se havia tornado menos produtivo.<sup>36</sup> De qualquer maneira, passados quatro anos, Antônio assume a alforria e vai trabalhar a serviço dos pobres, pede esmolas para dividi-las com os doentes e os encarcerados, vai à igreja todas as manhãs e lá permanece por duas horas em oração.

<sup>35</sup> “Temieron tener por esclavo al que tenía Dios por amigo: y assí le dieron carta de horro, y licencia para yise libremente donde quisiesse”. A. Daça, *Quarta parte de la chronica general*, p. 160.

<sup>36</sup> J. Heers, *Esclaves et domestiques au Moyen Age dans le monde méditerranéen*, Paris: Fayard, 1981, p. 286 sqq.





Ficando cada dia mais velho e doente, retira-se para o hospital de Noto, onde, por longos anos, dá assistência aos enfermos,<sup>37</sup> e, ao fim da vida, pede para ser colocado em um lugar próximo ao altar, para poder assistir à missa. Quando o sacerdote Lucas Zicurde lhe propõe ser enterrado na homônima capela da igreja do Crucifixo, Antônio replica que não merece tanta honra, “porque é o mais indigno escravo do mundo e gostaria de ser enterrado na casa do seu pai, São Francisco, no Convento de Santa Maria de Jesus, da cidade onde havia recebido o hábito”.<sup>38</sup>

Morre no dia 14 de março de 1550, enquanto os sinos tocam miraculosamente sem intervenção humana, convocando os habitantes da cidade; uma multidão se precipita para agarrar um pedaço do seu hábito, dos móveis e da terra da sua cela, para fazê-las relíquias, e uma guarda armada, comandada por Andreas Iamblundo, certamente membro da família dos ex-senhores de Antônio, “*hombre animoso y valiente*”, protege o “*prezioso tesoro*” que os habitantes de Ávola querem subtrair aos de Noto.<sup>39</sup> “Depois de uma vida exemplar, pelos milagres e pela santidade, é sepultado no cenóbio dos Menores Observantes” de Noto.<sup>40</sup> Em 1565, o bispo de Siracusa, Giovanni Orosco de Alzès,

autoriza o vigário de Noto a colocar o caixão do beato Antônio em um lugar digno, na parede do altar-mor. O traslado das relíquias a um caixão de madeira de lei transformou-se na apoteose do inesquecível irmão dos pobres; mesmo os magistrados da cidade quiseram tomar parte. Em 13 de abril de 1599, o bispo siracusano Giovanni Castellano Orosco executou o reconhecimento canônico dos ossos do Beato negro, antes de autorizar sua exposição em outro sarcófago decorado, feito de madeira de lei reforçada com gradis de ferro para evitar apropriações indevidas.<sup>41</sup>

<sup>37</sup> Pela tradição das “especiarias conventuais” e pela prática empírica da medicina, os frades desenvolvem nos hospitais um “serviço corporal”, além da assistência espiritual. Ver, por exemplo, AA. VV., *San Camillo de Lellis e il suo tempo*, Roma: s/editor, 2000.

<sup>38</sup> A. Daça, *Quarta parte de la chronica general*, p. 165. Portanto teria havido uma ordenação formal, bem além da túnica improvisada pelo alfaiate maltês por iniciativa do Barão Blandano Terranova, a que faz referência o processo.

<sup>39</sup> A. Daça, *Quarta parte de la chronica general*, p. 168.

<sup>40</sup> Segundo Vincenzo Littara (1550-1602), *De rebus netinis*, p. 120. Mas, depois do terremoto de 1693, os seus restos foram transportados para o novo convento de Santa Maria de Jesus que, abandonado no final do século XVIII, foi transformado em 1866 em um instituto para órfãs. Ali está guardada, quase esquecida, a arca lígnea com as suas relíquias. Ver S. Guastella, *Fratello Negro. Antonio di Noto, detto l'Etiope*, Noto: s/editora, 1991, p. 75.

<sup>41</sup> Idem, *Lui e noi per loro*, p. 178.





À reabertura do caixão, o corpo encontra-se incorrupto, enquanto se difunde o odor “celestial” que caracteriza os corpos santos e, atestado o grande número de milagres e a veneração já assinalada, a Igreja concede que as suas imagens portem resplendores de diadema, em sinal de glória.\*

Entrementes, Antônio deve ser beatificado. No *Martyrologium Franciscanum*, no dia 14 de março, encontramos anotado brevemente:

*Naeti, in Sicilia, Servi Dei Antonii, cognomento Nigri, Confessoris, Tertiarii, qui piis operibus jugiter intentus ad aeterna praemia feliciter mignavit et miraculis claruit.*

(De Noto, na Sicília, Antônio servo de Deus, cognominado Preto, Confessor, Irmão Terceiro, dedicado continuamente à prática de obras pias, emigrou bem-aventuradamente para o prêmio eterno e se tornou ilustre por meio dos milagres que praticou).<sup>42</sup>

O beato Antônio figura, assim, como o antecedente de Benedito na construção de um modelo de santidade negra, laica e franciscana,<sup>43</sup> sendo os dois culturalmente associados desde o início do século XVII, tanto na Península Ibérica quanto no Novo Mundo.<sup>44 \*</sup>

## A permeabilidade das fronteiras

Historicamente,

o culto dos santos africanos [...] é estritamente conectado aos deslocamentos do clero católico africano, devido às perseguições dos vândalos

\* Diadema, faixa ornamental de pedras preciosas, é um símbolo de realeza, aqui também significando auréola, ou resplendor, a coroa dos santos (N.d.T.).

<sup>42</sup> *Auctore Arturo a Monasterio, recognitum et auctum a PP. Ignatio Beschin et Iuliano Palazzolo O. F. M.*, Roma, 1938, p. 94. “Idem videtur esse ac Antonius Aetiops, de quo Art. sub die 23 Augusti”, *ivi*, p. 95. Mais recentemente, *cf.*, de S. Guastella, o verbete *Antonio Etiope*, in “Dizionario Netino di Scienze, Lettere ed Arti”, fasc. I (A-F), Noto: s/editora, 1986, p. 14.

<sup>43</sup> M. Modica, “La prima agiografia francescana della Sicilia moderna e il modello eremitico di santità del ‘Frate nero di Palermo’”, in Fiume e Modica, *San Benedetto il Moro*, pp. 77-116.

<sup>44</sup> Fray Diogo do Rosario, *Flos Sanctorum*, Lisboa: 1869-1870, vol. III; além de C. Gallo, “Il beato Antonio di Noto, francescano sulle orme di Corrado”, in *Italia francescana*, XXXI, n. 10, 1956; e S. Bono, “Due santi negri: Benedetto da San Fratello e Antonio da Noto”, in *Africa*, XXI, n. 1, (1966).

\* Sublinhando: Este Santo Antônio nada tem a ver com Calatagirone, ele é de Ávola e Noto. O nome desta cidade, que fica a 70 km de Catânia, é grafado indiferentemente Caltagirone ou Calatagirone. *Calta* ou *calata* vêm do árabe *kalaat*, que significa fortaleza; *girone* significa terreno cercado de muros, no italiano como no siciliano (N.d.T.).



los [embora], após a metade do século V, a Sicília ainda permaneça sob forte influência vandálica para constituir-se em meta privilegiada de quem fugia da África”.<sup>45</sup>

Esses fugitivos se dirigiam mais habitualmente à Campânia, ao baixo Lácio e à Sardenha. Depois dessa onda antiga, é a guerra corsária quem produz um novo contingente de santos negros. A escravidão siciliana, no final dos Quatrocentos, era prevalentemente masculina e negra, e, como tal, permanecerá no século seguinte.<sup>46</sup>

De “Antônio Etíope, irmão terceiro de São Francisco, morto em 14 de março de 1550, [...], inumado no cenóbio dos Menores Observantes” de Noto,<sup>47</sup> estive por enquanto falando. Mas existe um outro Antônio Etíope, irmão terceiro do convento de Santa Maria de Jesus, nas cercanias de Camerano, em Messina, morto em 1561, e um terceiro Antônio Etíope, morto em 1580, no convento de Santa Maria de Jesus de Caltagirone, escravo de Giovanni Frumentino de Caltanissetta, do qual falarei logo em seguida. Temos, enfim, o Benedito “Negro” da Palestina, que participa da procura das relíquias de Santa Rosália, no monte Pellegrino, e morre no Convento de Santo Antonino de Palermo, em 1647, ele também com fama de santidade.<sup>48</sup>

Mais do que casos isolados, todos esses escravos, ex-escravos ou presumíveis escravos negros convertidos, eremitas e franciscanos, são um efeito da obra de evangelização, sobretudo franciscana, entre as vítimas da guerra corsária: o franciscanismo siciliano do século XVI, através da conversão religiosa, parece assumir-se como um eficaz instrumento de integração social. Por outro lado, “glorioso foi este século para os negros”,<sup>49</sup>

<sup>45</sup> F. Scorza Barcellona, “Santi africani in Sicilia (e siciliani in Africa) secondo Francesco Lanzoni”, in S. Pricoco (org.), *Storia della Sicilia e tradizione agiografica nella tarda antichità*, Soveria Mannelli, Rubettino, 1988, p. 54.

<sup>46</sup> Ch. Verlinden, *L'esclavage dans le Centre et le Nord de l'Italie continentale*; G. Marrone, *La schiavitù nella società siciliana*, pp. 39, 48-49; H. Bresc, *Une société esclavagiste médiévale*, t. III.

<sup>47</sup> V. Littara, *De rebus netinis*, p. 120.

<sup>48</sup> Em 28 de fevereiro. Ver P. Tognoleto, *Paradiso serafico del fertilissimo Regno di Sicilia*, Palermo: 1667, vol. I, l. V, p. 419; e Benedetto da Mazara, *Leggendario francescano*, Venezia: 1689 (II ed.), 4 vols., vol. II, p. 446. Ver também Ludovico M. Mariani, *Albero serafico di Sicilia*, vol. II, Palermo: Kefagrafica, 1995.

<sup>49</sup> Fray Manuelo Barbado de la Torre y Angulo, *Compendio historico y lego seraphico*, Madrid: 1745, tomo I, p. 409.





que representam outras tantas vitórias da religião católica contra o paganismo ou a “seita” maometana.

Essas figuras estão estritamente vinculadas ao contexto da luta religiosa que o Catolicismo conduz, ao norte, contra os protestantes e, ao sul, contra os muçulmanos. Tal *jihâd* católica, guerra santa contra os infiéis, apresenta-se no momento de maior vigor da ofensiva turco-barbaresca, no Mediterrâneo. No Oriente, os turcos haviam conquistado a Síria e o Egito em 1517, tinham expulsado os Cavaleiros de Rodes da ilha homônima em 1522, subtraído, em 1570, Chipre aos venezianos, que a tinham conquistado em 1489. Barbarruiva toma Túnis no verão de 1534, e a perde no ano seguinte pelas mãos do Imperador Carlos V. Dragut, reconquista Trípoli em 1551 e, em 1560, uma frota turco-barbaresca expulsa os espanhóis de Gerba; os corsários barbarescos apropriam-se do Mediterrâneo ocidental: em 1565, tentam a conquista de Malta, em 1570, Ucciali conquista Túnis, configurando-se, assim, uma ameaça turca a Veneza. A santa liga da Espanha, de Veneza e do papado inflige aos muçulmanos uma derrota em Lepanto, em 1571. A trégua de 1581 entre os impérios turco e espanhol abrirá à pirataria as portas do domínio do Mediterrâneo.

As incursões barbarescas são narradas nos diários dos contemporâneos, pelo menos nos dois séculos centrais da idade moderna, com a mesma inelutabilidade dos terremotos, das tempestades de granizo ou da invasão de gafanhotos. Alguns exemplos:

1551- Apareceu este ano, nos mares da Sicília, a armada de Suliman, sob a chefia de Sinan Bassá, a qual foi de número de setenta galés, além de quarenta galeotas e grandes mastros. [...] Foi até Augusta, que foi tomada de assalto, saqueada e incendiada. Foi depois a Malta, e armado o assédio [...] depois de oito dias, sem nenhum fruto, foram-se embora. Neste instante, tomou Gozo, onde incendiou toda a terra.<sup>50</sup>

No mesmo ano, em Lampedusa, são avistadas

oito galés carregadas de munição e de gente [...] Em 1552 volta de novo a armada turquesca integrada por cento e vinte grandes galés comandadas

<sup>50</sup> *Notizie di successi varii nella città di Palermo*, BCP, ms. XVII sec., atualmente in G. Di Marzo (org.), *Biblioteca storica e letteraria di Sicilia. Diari*, vol. I, Palermo: 1869, p. 205.



por Russen Bassá, [encontrando resistência armada em Messina] passa adiante e na ilha de Procida apodera-se de oito galés de Giannettino Doria.<sup>51</sup>

Em 1553, “vem Dragut com oitenta grandes galés [...] saqueia a cidade de Alicata, tendo chegado de improviso”.<sup>52</sup> Em 1613, grande espaço é aberto às iniciativas de Otávio d’Aragona, general das galés da Sicília, o qual captura sete navios turcos e liberta mil cristãos prisioneiros: é organizado para ele um triunfo digno de um *condottiero* romano.<sup>53</sup>

As incursões barbarescas entram prepotentemente em qualquer história da Sicília moderna e são continuamente documentadas durante os séculos XVI e XVII, prolongando-se até os primeiros decênios do século XVIII. Só em 1683, com a falência do assédio a Viena, inicia-se o lento declínio do equilíbrio que havia caracterizado nesses séculos a relação entre os mundos católico e islâmico no Mediterrâneo. E a fronteira geopolítica e religiosa entre o Islã e a cristandade vai do reino de Nápoles às ilhas Canárias, passando pelas grandes ilhas, até Gibraltar e o Algarves. “*Les gens qui vivent à proximité de cette frontière sont vulnérables à tous égards. Ils sont à porté d’armes, de mosquées et de muezzins*”.<sup>54</sup>

Quero, entretanto, insistir em um segundo elemento. “A guerra corsária estabelecia, mesmo que de forma violenta e pesado sofrimento para milhares de homens, uma estreita rede de relações entre os dois mundos”.<sup>55</sup> Essas relações produziam trocas, nas quais o fenômeno dos renegados é uma pista rica e polissêmica. Mais do que um traidor, o renegado é um mediador cultural, “um intermediário entre duas culturas, entre dois mundos muito diferentes”.<sup>56</sup> Na época da Reforma e da difu-

<sup>51</sup> Ibidem, p. 206.

<sup>52</sup> Ibidem, p. 207.

<sup>53</sup> Ver, entre outros, G. Lancelotto Castelli, *Giornale storico di Palermo dall’anno 1070 al 1792*, BCP, ms. secc. XVIII e XIX, cota QqH2A, folhas não numeradas.

<sup>54</sup> Em francês no original: “As pessoas que vivem nas proximidades desta fronteira são vulneráveis sob todos os aspectos. Elas estão ao alcance de armas, de mesquitas e de muezzins”. Ver B. e L. Bennassar, *Les Chrétiens d’Allah. L’histoire extraordinaire des renégats, XVIe-XVIIe siècles*, Paris: Perrin, 1989, p. 153.

<sup>55</sup> S. Bono, *Europa e Islam nel Mediterraneo (XVI sec.-1830)*, in E. Serrão e G. Lacerenza (orgs.), *Capri e Islam. Studi su Capri, il Mediterraneo, l’Oriente*, Capri: Edizioni La Conchiglia, 2000, p. 142.

<sup>56</sup> M. Mafrici, *Mezzogiorno e pirateria*, p. 153; e L. Scaraffia, *Rinnegati. Per una storia dell’identità occidentale*, Roma - Bari: Laterza, 1993, p. 121 sqq.



são do Luteranismo, a atração pelo Islã era muito forte, não só da parte de quem queria desertar ou fugir da justiça ou dos débitos, de aventureiros ou padres fujões, mas também de quem desejava uma religião mais livre em um país conhecido pelas oportunidades de enriquecimento e mobilidade social, uma terra que apreciava a audácia e a ambição.<sup>57</sup>

Muitos renegados cristãos eram funcionários da Grande Porta, ou, ainda, paxás, alcaides, comandantes de navios mercantes, mercenários nos Estados barbarescos. Confabulava-se muito sobre eles nos seus países de origem. Entre 1453 e 1623, Fernand Braudel calcula que, de quarenta e oito grão-vizires, pelo menos trinta e três são cristãos renegados, e conclui: “O turco abre as portas, o cristão fecha as suas”.<sup>58</sup> Em 1580, Diego de Haedo, “redentor de cativos”, conta, só em Argel, seis mil renegados cristãos (oito mil em 1630), mil e duzentas mulheres. “O incrível povo de Argel” é decididamente cosmopolita, composto como é de renegados provenientes da Europa e até mesmo de índios das possessões portuguesas e espanholas no Novo Mundo.<sup>59</sup> As cidades barbarescas têm numerosos motivos de atração, eventualmente mitificados, a ponto de representar-se o Levante “como um Éden, uma terra de prosperidade, de abundância” e de liberdade.<sup>60</sup>

### Antônio de Noto, marabu\*

Todos esses elementos podem ser melhor apreciados em comparação com a breve hagiografia de um certo Antônio de Noto, homônimo e

<sup>57</sup> P. Preto, *Venezia e i Turchi*, Florença: Sansoni, 1975, p. 220.

<sup>58</sup> F. Braudel, *Civiltà e imperi del Mediterraneo*, p. 847. O calabrês Ucciali foi bey de Trípoli, Argel e Túnis; foi nomeado por Selim II, depois da batalha de Lepanto, grande almirante da frota otomana; o messinês Cipião Cicala, chamado de Sinan Bassá, capturado com o pai por Dragut ao largo da ilha de Marettimo, ascendeu aos mais altos cargos do Império Turco.

<sup>59</sup> B. e L. Bennassar, *Les Chrétiens d'Allah*, p. 147. “Redentor de cativos” é aquele leigo ou eclesiástico que se ocupa de recolher esmolas ou doações para resgatar cristãos escravizados na África do Norte.

<sup>60</sup> M. Mafrici, *Mezzogiorno e pirateria*, p. 148.

\* Marabu é um letrado, conselheiro do rei, divulgador da fé, controlador das rotinas litúrgicas, homem de grande poder na comunidade. O escândalo que sua reconversão causa é proporcional à gama de responsabilidades políticas, econômicas e sociais que tal personagem tinha adquirido naquela área cultural. (Ver Jean Copans, *Les marabouts de l'harachide*, Paris: Le Sycomore, 1980). Só para alertar: este segundo Antônio que vai agora entrar em cena não é africano, é branco ou branco-mestiço (N.d.T.).



contrerrâneo do Antônio Etíope, de quem se vem falando, que reflete o momento do mais agudo contraste com o Islã, e do qual foi perdida a pista, depois da narrativa hagiográfica organizada pelo jesuíta Otávio Gaetani. Gaetani se reporta à versão da vida de Antônio de Noto feita pelo presbítero Antônio Duca, que conta tê-la recolhido de um cidadão de Cefalônia, Antônio Alamanno, que teria trazido seu corpo da África, fatos que narra “brevemente e fielmente”.

Os piratas mouros que devastam as costas da Sicília em assíduas incursões capturam inesperadamente Antônio que, chicoteado, metido a ferros e aterrorizado pelas torturas e ameaças de morte, termina abjurando a sua fé. Vendo o ânimo do prisioneiro firme e inabalável diante dos tormentos, seus algozes prometem liberdade, riquezas, mulheres belíssimas ao jovem, finalmente obrigando-o a aderir à sua “*turpissima superstizione*”.<sup>61</sup>

Execrada, portanto, a fé em Cristo, induzido na bárbara língua e nos costumes perversos e corrompidos, segundo o uso dos mouros, tornou-se marabu e preferia a seita de Maomé às outras leis, e a professava com o exemplo de vida isenta de qualquer culpa e vício, e com a predicação, pela qual os sequazes de Maomé o consideravam um predileto, um beato e um segundo Maomé. Tendo percorrido por quarenta anos uma vida miserável de porco lamacento, finalmente considerando no profundo do seu ânimo que todos aqueles que nascem na terra devem retornar à terra, elevou a alma ao céu, acima dos repugnantíssimos altares dos porcos [...]. Arrependido dos crimes cometidos, depostas as vestes usadas pelos

<sup>61</sup> “Le demon qui hantait ses nuits et l’entraînait vers l’Islam prenait des visages de femmes et lui parlait de liberté”, confiait un captif à ses compagnons. L’image de la femme s’associe souvent à l’idée de liberté dans les représentations mentales des ‘renégats’”. (Em francês no original: “O demônio que atormentava suas noites e o atraía ao Islã assumia o aspecto de mulher e lhe falava de liberdade”, confiava um cativo a seus companheiros. A imagem da mulher associa-se frequentemente à ideia de liberdade nas representações mentais dos ‘renegados’). B. e L. Bennassar, *Les Chrétiens d’Allah*, p. 414. A possibilidade de múltiplos matrimônios, duráveis ou não, de ter concubinas, de repudiar a esposa, identifica a lei muçulmana com a satisfação dos instintos sexuais, considerados desfavoravelmente pela religião católica. Algumas mulheres acusadas de práticas supersticiosas pela Inquisição siciliana declaram que desejavam “virar turcas” para poder gozar de maior liberdade. Por exemplo, Marta Frazeta Bonacolta, viúva de 40 anos, natural de Alcamo mas residente em Messina, confessa que foi amante de um turco antes de ser encarcerada, que o diabo evocado durante os seus rituais mágicos, com o qual entretém comércio carnal, chama-se Ali e aparece “em forma de turco”. Archivo Historico Nacional, Madrid: *Inquisizione siciliana*, l. 900, 1618, cc. 63-77. Agradeço a M. S. Messana por esta indicação.



*Bey, no nosso caso, é o soberano da Tunísia. O termo vem da hierarquia política do Império Turco Otomano, no qual significava senhor de uma localidade forte ou de uma região. Foi adotado em seguida pelos reis do norte da África, na esfera de influência da Turquia. Na ilustração, um bey egípcio em uma gravura anônima francesa do século XIX (N.d.T.).*





mouros, procurou o mais alto sacerdote, que por acaso residia na nobilíssima cidade de Cartago, suplicando com orações que o recebesse no seio da Igreja para fazer penitência. Mas o Grão-Sacerdote, que Antônio já havia visto em Túnis, temendo ser desiludido, pediu o tempo de uma noite para consultar alguns cristãos, com os quais, tendo examinado diligentemente a questão, decide dar a Antônio a oportunidade do perdão. Este, no dia seguinte, uma vez que tinha durante toda a noite pedido a Deus que o Grão-Sacerdote não o excluísse da comunidade cristã, precipitou-se ao templo onde recebeu a resposta, gemendo no coração pelas suas culpas, recebendo a sagrada eucaristia e, tendo confirmado o bastante martírio pelo bispo e pelos sacerdotes, retornou a Túnis. Mas aqui, [...] os cidadãos que o haviam conhecido como o mais torpe de toda a cidade [antes da conversão ao islamismo] não podiam não permanecer muito maravilhados, e alguns diziam que estava embriagado, outros que fazia milagres. Finalmente, em meio aos rumores e tanta confusão em toda a cidade, Antônio foi levado pelos cidadãos ao Rei, que residia na fortaleza. Eles insistem que o Rei intervenha para que um obstáculo de tal gênero seja extirpado da cidade, porque tal permanência poderia arruinar os fundamentos da Lei. Mas o Rei promete que fará muito mais coisas e diz a Antônio: “O que é que me pediste que não te dei? O que é que não te concedi quando me rogastes? Não vês em quais perigos me lanças, um Rei que é muito teu amigo? Não vês que quase toda a cidade está mergulhada na confusão? Se não queres renegar a religião de Cristo e professar novamente a lei de Maomé, de nenhum modo posso salvar-te da morte.” Antônio responde: “Oh Rei! não posso renegar de novo, porque Cristo é o Deus verdadeiro, filho do verdadeiro Deus, nascido de Maria sempre Virgem, não cedo às tuas promessas, nem fujo da morte, estou pronto a expiar no justo suplício os meus delitos”.

Então o Rei ordena que ele seja atirado em um cárcere horrendo pelo lugar e pelas trevas. Aqueles que apareciam para vê-lo admiravam todas as noites um esplendor descido dos céus e a suavidade do odor, mas viam que Antônio rejeitava toda a comida levada pelos Bárbaros e se dedicava apenas à oração. Finalmente, o Rei, compreendendo que ele a cada dia ficava mais ardente na fé em Cristo e não podendo retroceder na sentença por nenhuma razão, a dois guardas que empunhavam duas espadas encarregou de degolá-lo, se não se arrependesse da blasfêmia contra Maomé. Em seguida, levando-o em preces ao lugar de execução, fora



dos muros da cidade, os bárbaros degolaram Antônio, que mantinha as mãos e os olhos voltados para o céu e enfrentava resolutamente a morte pela verdade. As gotas daquele sangue que banhou o solo, por muitas noites, como lamparinas foram vistas resplendendo. A certo cristão mendigo, inválido dos membros, grandemente aflito pela doença, Antônio apareceu e o intimou a esfregar os membros com a terra banhada com seu sangue, e, uma vez isso feito, ele ficou curado imediatamente. Em seguida, a certo bárbaro, que mendigava e queria recuperar a saúde perdida, respondeu: “Se acreditares de todo o coração em Jesus Cristo Deus e *vero* filho de Deus, te batizarei com a água salutar e aspergirei o teu corpo com a terra sagrada pelo sangue de Antônio, e sem dúvida ficarás sadio”. O bárbaro seguiu a instrução e recuperou a saúde, todavia não a manteve por muito tempo, porque realmente, depois de alguns dias, diante das assíduas intimidações dos mouros que ameaçavam, com contínuas imprecações, condená-lo à morte, porque havia abandonado a lei de Maomé, perdeu a saúde do corpo e da alma e voltou à precedente doença dos membros e à vida de mendigo. De fato, depois que os insensatos bárbaros degolaram Antônio, golpeavam com pedras o cadáver suspenso na forca pelos úmeros, mas em vão, porque não o tocavam, em vez disso golpeavam a si mesmos. Pelo que, indignados e furibundos, o levaram para uma pira ardente. Mas pelo fogo não foi queimado, nem mesmo um fio de cabelo do seu peludo corpo. Em seguida, jogaram-no em um profundo poço que encheram de terra até a beira, para que os cristãos não o pudessem recuperar.

Comerciantes da Ligúria, resgatando-o, seja com orações, seja com dinheiro oferecido aos guardas,<sup>\*</sup> extraíram dali o seu corpo, colocando-o em um caixão de madeira, providenciaram a celebração dos divinos ofícios e o guardaram em um pequeno templo secreto durante alguns meses. Enfim, através de homens de confiança de Antônio Alamanno, homens excelentes transportaram nas costas o beatíssimo mártir de Cristo até um navio e o levaram para Gênova, capital da Ligúria. Por essa razão Antônio de Noto mereceu pelo martírio o perdão dos seus pecados; em palavras breves: com o martírio da morte conseguiu a faculdade da vida eterna, nos idos de janeiro.<sup>62</sup>

<sup>\*</sup> Curiosa alternativa... Ligúria é uma província do noroeste da Itália (N.d.T.).

<sup>62</sup> O. Gaetani, *Vitae Sanctorum siculorum*, Palermo: 1657, p. 278. Contrariamente a Salvatore Bono (*Schiavi musulmani nell'età moderna*, pp. 297-298), creio que Antônio de Noto e Antônio Etíope, escravo de Iandavula, sejam dois indivíduos distintos, o primeiro nasceu em Noto, é cristão na origem, é um siciliano capturado, como vimos, pelas galés muçulmanas.





Temos, assim, uma história edificante e pedagógica, que se torna modelo hagiográfico pela insistente repetição. Quanto a isso, a “*Bibliotheca sanctorum*” dedica a este Antônio de Noto uma breve nota, definindo-o como “santo e mártir de Túnis”, sem saber a data e o lugar do martírio, mas chamando a atenção para o fato de que os Bolandistas “o colocam entre os preteridos”.<sup>63</sup>

Cento e cinquenta anos depois, o frade palermitano Alípio de São José, agostiniano descalço, navegando de Palermo em direção a Nápoles, é capturado pelos corsários barbarescos, conduzido a Trípoli e escravizado. Transcorrido algum tempo,

*ejurata Mahomedis impia superstitione [alla quale doveva essersi convertito] ob interritam fidei catholicae confessionem atrocioribus cruciatibus divexatus, fractis brachiis cruribusque, et per terrae tractum raptatus, in mare projectus, lapidibus obrutus, demum gladii ac clavae ictu consossus, in verae Religionis odium occisus est 17 februarij 1645. Corporis exuviae semiustae in Siciliam translatae, in oppido Palmae religiose asservantur, ac martyris cultum ab Apostolica Sede expectant.*<sup>64</sup>

(abjurada a ímpia superstição maometana [à qual se havia anteriormente convertido], porque permaneceu fiel ao catolicismo, foi submetido ao suplício da crucificação, teve seus braços fraturados, foi arrastado por terra, jogado no mar, brutalmente chicoteado, espancado com clavas e espadas, morrendo fiel à verdadeira Religião, em 17 de fevereiro de 1645. Seu corpo foi exumado e trasladado à Sicília, por iniciativa dos Observantes da Ilha de Palma, estando estabelecido o culto do mártir na Sede Apostólica.)

Naqueles mesmos meses, Palermo teme por um iminente e poderoso ataque da frota muçulmana, que uma grande procissão do Cristo lígneo da Catedral, prolongada por diversos dias, desvia da cidade siciliana na direção de Creta. Para os nossos hagiógrafos, o martírio de Alípio de São José ou de Antônio de Noto, que pagam com a vida sua desorientação, atesta a superioridade da religião católica, a qual se manifesta também pela conquista da consciência dos “infiéis”. Como aquela de Maomé

<sup>63</sup> Ver “Acta sanctorum”, *Ianuarii*, vol. I, Veneza: 1734, p. 752. O verbete dedicado a Antônio, in “*Bibliotheca Sanctorum*”, Vaticano: Città Nuova Editrice, 1962, t. II, col. 154, é de Th. Spidlik.

<sup>64</sup> R. Pirri, *Sicilia sacra disquisitionibus et notitiis illustrata*, Palermo: 1733, vol. I, p. 238.



Celebi, que teve grande divulgação, filho primogênito do *bey* de Túnis, fugido para a Sicília para escapar da lei de Alá. Chegando a Palermo, é recebido com grandes honras pelo Vice-rei Marquês de Los Veles. Instruído nos rudimentos da fé pelos padres da Companhia de Jesus, recebe o batismo depois de dois meses de sua chegada, em 6 de maio de 1646, assumindo o nome de Felipe, em homenagem ao rei da Espanha, enquanto o vice-rei, ao lado da rainha consorte, é o seu padrinho.<sup>65</sup> A história é repleta de reviravoltas espetaculares, inclusive pelo interesse de Felipe IV, que o nomeia Cavaleiro de São Giácomo, o chama à corte e o dota de um rico cabedal. Felipe, porém, foge da Espanha e retorna a Túnis, onde, reassumido muçulmano, é bem recebido e volta à guerra corsária com as galés de Biserta, governador de La Goulette e, depois, paxá de Argel, antes de morrer em Constantinopla.

A guerra corsária produz o fenômeno do trânsito de uma religião para outra, sempre problemático, frequentemente provisório. Não por acaso, os renegados fugidos dos Estados barbarescos apresentam-se aos inquisidores, quando da sua chegada, para obter uma espécie de certificado do estado de consciência.<sup>66</sup>

Nessa guerra de religiões, o ato “predatório” é um elemento que merece consideração, junto à radicalidade da conquista: poder gabar-se da transformação de um maometano em santo católico representa o máximo objetivo atingível. Por isso, encontramos uma particular insistência sobre santos, beatos e servos de Deus, escravos ou ex-escravos, no interior da formação do modelo franciscano de santidade, que assume, na Sicília, o eremitismo e a condição leiga como dados peculiares: “A componente eremítica [é] elemento constitutivo da espiritualidade franciscana da Sicília” a qual, como já foi observada, no curso do século XVI, será empurrada para o cenobitismo, traduzindo-se, neste período, na forte pressão pela canonização de santos franciscanos.<sup>67</sup>

<sup>65</sup> Ver sobre o caso P. Grandchamp, “La fuite de Tunis et le baptême de Don Philippe à Palerme”, in *Revue tunisienne*, n. 84, (1940). Ver também os números precedentes da mesma revista, 33-34-35-36, (1938).

<sup>66</sup> M. S. Messana, “Rinnegati e convertiti nelle fonti dell’Inquisizione spagnola in Sicilia”, in *Nuove Effemeridi*, ano XIV, n. 54, (2001). O número é inteiramente dedicado aos *Schiavi, corsari e rinnegati*.

<sup>67</sup> A citação vem de M. Modica, *La prima agiografia francescana della Sicilia moderna*, p. 103.



## Antônio de Calatagirone

Conrado Confalonieri é beatificado em 1515, Guilherme de Scicli em 1538. Mas a verdadeira onda de beatificações, de registros de vida, de processos e devoções espontâneas tem lugar no final dos Quinhentos: em 1580, morre Frei Jacó de Parísio de Caltagirone, com as mesmas características de vida e morte santas de todos os santos franciscanos. Desse último, os confrades retransmitem os jejuns prolongados, as orações contínuas, a insônia, a dureza da flagelação, a humildade e os numerosos milagres, dos quais teriam sido beneficiados, entre outros, dois correligionários, Frei Querubim de Piazza e Frei Antônio de Girgenti.<sup>68</sup>

Querubim de Santa Lúcia, de família nobre e opulenta, toma o hábito com dezenove anos e inicia uma vida de penitência e oração: fustiga-se com correntes de ferro duas a três vezes, todas as noites, alimenta-se apenas de pão e água, dorme no chão com um pedaço de pau como travesseiro. É tão fraco a ponto de não ter força para abrir a boca para nutrir-se, e os confrades lhe dão de comer como a uma criança, abrindo-lhe a boca com uma chave. Como todos os veneráveis, prevê a hora da própria morte, advinda em 30 de agosto de 1587.<sup>69</sup> As primeiras fases do seu processo de beatificação<sup>70</sup> são as mesmas do processo de Benedito e de Mateus de Agrigento (1376-1450), discípulo de Bernardino de Siena e reformador dos mosteiros sicilianos.<sup>71</sup>

Mais emblemático ainda é o caso de outro escravo africano, também terceiro franciscano e eremita, “nativo da Etiópia, de pai e mãe

<sup>68</sup> A. Daça, *Quarta parte de la chronica general*, pp. 7-9. Girgenti é o antigo nome de Agrigento, cidade siciliana. Ver o mapa da Sicília na p. 57.

<sup>69</sup> Ibidem, pp. 53-5.

<sup>70</sup> O processo começa em 1588, por iniciativa de Frei Ambrósio de Polizzi, custódio da Ordem, e de um comissário do Tribunal Arquiepiscopal “que é terceiro nosso”; um segundo processo terá lugar em 1590, por iniciativa do então custódio da Ordem, Frei Inocência de Girgenti, no tribunal Arquiepiscopal de Agrigento; um terceiro processo terá lugar em 1611; um quarto em 1619, “obtido de Antonino de Randazzo”, sendo protetor da Ordem o Cardeal Fabrício Varallo. Em 1625 a Sacra Congregação resolveu proceder *ad ulteriora*; o processo, confiado a Frei Ludovico de Girgenti, “não teve prosseguimento e permaneceu imperfeito pela falta de interesse dos frades”. Ver P. Tognoletto, *Paradiso Serafico*, I. II, p. 211.

<sup>71</sup> Sobre os complexos acontecimentos da canonização de Mateus de Agrigento, ver o documentadíssimo S. M. Gozzo O. F. M., *Studi e ricerche sul Beato Matteo O. F. M., vescovo di Agrigento*, Roma: s/editora, 1987; e a hagiografia de Ludovico M. Mariani O. F. M., *Beato Matteo, frate minore, vescovo di Agrigento*, Palermo: Kefagrafica Edizioni, 1993.





gentílicos, preso pelos cristãos ainda criança e comprado por certo Giovanni Frumentino de Caltanissetta, o qual o fez instruir-se na lei de Cristo, o batizou e o manteve em uma propriedade a oito milhas de Caltanissetta”.<sup>72</sup> Antonino é “de boa índole e bons costumes”, obediente a seu senhor, “mais que um filho ao pai”, dedicado à penitência, aos jejuns, pacificador das discórdias, confessa-se e comunga frequentemente, é devotíssimo à Madona e aprende a ler para poder recitar o ofício divino. Pede para entrar na Ordem – não sabemos se antes ou depois da alforria, obtida de Frumentino no leito de morte – mas, inicialmente, é rejeitado “porque é negro”. Acolhido no convento de Santa Maria de Jesus de Caltagirone, que tinha por guardião Frei Guilherme de Caltagirone, o qual lhe transmite o hábito e o nome, e o submete a uma “asperíssima vida”; torna-se um campeão de seráficas virtudes: “de simplicidade e pureza angelical”, “foge das conversas ociosas”, usa uma túnica de lã rústica e um cinto de ferro, come apenas uma vez por dia, nutrindo-se de pão e ervas, está em contínua oração mental e vocal, eventualmente arrebatado em êxtase. Em resumo, é “honestíssimo e prudente em todos os seus compromissos, de tal maneira que não parece um escravo negro”.

A referência à sua característica racial retorna quando da sua particular compaixão por “um escravo negro leproso no seu convento”; resiste, quando alguém pede sua intervenção a favor do enfermo, “com humildade recusa dizendo-se escravo negro e bruto e que não faz milagres”, mas, depois, o cura, “porque é negro da sua cor”. Atanazadíssimo pelos demônios que o agarram e o jogam na fossa das imundícies, ou o atiram no meio de um monte de lenha, queimando-lhe os pés, ao frade que o interpela responde irado: “Por que não me ajudas, não vês que a Igreja está cheia de demônios?”

Costuma enterrar-se na areia para refrigerar-se, porque o demônio o queimou com “caldeirões de água fervente que sentia grandíssimos ardores”. Com a imposição das mãos e a oração, opera admiráveis curas de pessoas e animais; profetiza e prevê o futuro, lê nos corações,

<sup>72</sup> Esta e as citações seguintes foram extraídas de *Vita del servo di Dio frate Antonino di Etiopia terziario, sepolto a Santa Maria di Gesù di Caltagirone de' Minori Osservanti, scritta da fra' Antonino da Randazzo, cavata dal suo processo, preso dall'istesso padre per ordine del suo generale*, Biblioteca Regionale Siciliana (BRS), miscelânea sob as cotas IIE13, ff.109r/128v. A citação é da f. 109r.



recupera coisas desaparecidas. Entre os seus devotos estão o príncipe de Licódia, a quem prediz que seu corpo será acidentalmente queimado durante as exéquias, o príncipe de Paternó, a quem prediz morte próxima, e Dona Eleonora Guarina, Marquesa de Francofonte, de quem o consorte, dirigindo-se à Espanha para uma importante tarefa militar, cai doente em Nápoles. “Enfim coberto de méritos cai mortalmente doente”, recebe os sacramentos, benze os presentes, faz-se benzer por eles e, então, gira-se no leito, voltando-lhes as costas, e morre.

Prodigiosamente convertido à Santa Fé, por meio da miraculosa estátua da SS. Virgem de Santa Maria de Jesus do convento de Calatagirone, ali servindo aos Padres resplandeceu pelas virtudes heróicas, especialmente a Humildade, a Caridade e a angelical Simplicidade, e pela glória dos milagres. Em 1580, em 21 de Agosto, passou à pátria dos Beatos, deixando o precioso tesouro do seu corpo, que, quase totalmente incorrupto se conserva honrosamente na sacristia do mesmo convento, sob as ordens do bispado.<sup>73\*</sup>

O beato Antônio Etíope morre na sexta-feira santa de 1592. A notícia, segundo o relato, provoca a habitual aglomeração de pessoas à caça de relíquias, seu corpo “conserva-se em Calatagirone, sob o altar dos Sete Mártires [...]. Fui à procura dos processos, mas os superiores dizem que o Ministro Provincial os levou”.<sup>74</sup> É que os franciscanos sicilianos pesquisam febrilmente a respeito dos confrades a serem elevados aos altares. Procuram notícias de Frei Simone de Calascibetta, morto entre 1535 e 1540, daqueles que podem tê-lo conhecido, nada sabem de Vicente de Nicósia, de nome secular Ferro, do qual se conhece apenas uma devota. Recolhem, pelo mérito de Antonino de Randazzo, qualquer informação arrancada de testemunhos e de “processos autênticos”, com o objetivo de organizar o santoral da Ordem, um grande empreendimen-

<sup>73</sup> F. Aprile, *Della cronologia universale della Sicilia*, Palermo: 1725, p. 543.

\* Só para fixar bem: todos esses confrades negros beatificados eram escravos dos conventos franciscanos, preenchendo as tarefas mais duras e sujas na cotidianidade desses estabelecimentos (N.d.T.).

<sup>74</sup> A encadernação contém um bilhete assinado por Paulo Pellizzeri, a quem Otávio Gaetani tinha pedido notícias. Ibidem, f. 110r. Não estou segura da data da morte deste terceiro Antônio, porque a reexumação de 28 de março de 1589, “realizada depois de muito tempo, com licença do bispo de Siracusa”, encontrou o corpo incorrupto. Ibidem, f. 123r.



to que não dá certo no caso de Antonino, morto precocemente, mas que é, em seguida, bem sucedido com o *Paradiso Serafico* de Pedro Tognoletto, que se vale da atividade do confrade e seleciona seu material, transmitindo-nos as hagiografias dos mais importantes beatos e servos de Deus, da estatura de Antônio Etíope de Noto e de Benedito de São Fratello, estabelecendo o tema da santidade negra.

### O panteão africano

Contudo, entre os séculos XVI e XVII, o panteão africano é particularmente pobre. Da mítica Sabá, rainha da Etiópia, reinante em uma vasta região compreendida entre o Egito e a Arábia, não se sabe ao certo nem sequer o nome: Nicaula para alguns, Nitrotes ou Macheca para outros, ou mesmo Candace, apelativo comum a todas as rainhas dos países daquela região governados por mulheres. Moisés também esposou uma princesa negra, herdeira daquele opulentíssimo império, apesar dos protestos dos seus irmãos “contra a mulher etíope que é como se fosse sua senhora negra”.<sup>75</sup> Quanto a uma das filhas do casal, “de cor negra, chamada Sefora”, Moisés a casa com Yetro, “de cor morena”. Etíope também é Gaspar, um dos reis magos, “como confirmam as pinturas, tanto antigas quanto modernas, que o representam negro, como natural da Etiópia”.<sup>76</sup> Mas o verdadeiro iniciador da evangelização da Etiópia é o Eunuco, tesoureiro da rainha Candace, segundo os Atos dos Apóstolos, batizado por São Felipe e que, miraculosamente, no mesmo momento torna-se crente e santo, de discípulo torna-se mestre por mérito próprio: “O primeiro reino onde se professou publicamente a fé em Cristo, abatendo ídolos, expulsando a idolatria, edificando igrejas, consagrando templos e erigindo altares, foi a Etiópia”.<sup>77</sup>

<sup>75</sup> “Sobre la mujer Aetiopissa, es tanto come decir sobre la mujer negra”. Padre Alonso de Sandoval trabalhou na evangelização dos negros que chegavam a Cartagena das Índias, de 1607 a 1611 (o seu magistério foi depois continuado por São Pedro Clavero); seu livro *Naturaleza, Policia Sagrada y Profana, Costumbres y Ritos, Disciplina y Catechismo Evangelicos de todos los Etiopes*, foi publicado em Sevilha em 1627, com uma segunda edição em Madri, em 1636, com o título latino *De instauranda Aethiopum salute*. As citações provêm da edição espanhola *El mundo de la esclavitud negra en America*, Bogotá: 1956, p. 180.

<sup>76</sup> “Como lo confirman las pinturas, así modernas come antiguas, pues lo pintan negro, como natural de Etiopía”. Ibidem, p. 181.

<sup>77</sup> Ibidem, p. 182.





Da mesma área geográfica vem o exemplo eremítico do Imperador Elesbão, que rejeita as riquezas da sua condição para refugiar-se na mais escura das grutas, vestido apenas com um áspero cilício, submetendo-se às mais duras penitências, não comendo senão ervas cruas, e realizando muitos milagres; e o do Abade São Mosé, que, de bandido e assassino, torna-se um famoso eremita e “converte muitos ladrões, reconduzindo-os ao monastério e à vida religiosa”.<sup>78</sup> O abade etíope também é chamado de São Serapião, que dedica toda a sua vida aos pobres, a quem, “não tendo um dia o que dar, cresce tanto a sua caridade que lhes dá a si próprio, vendendo-se a alguns gentios e distribuindo com os pobres o preço pago. Serve ao seu senhor com tanto zelo [...] que o converte”.<sup>79</sup> E Efigênia, princesa da Núbia, virgem e mártir, convertida pelo apóstolo Mateus, associada a Santo Elesbão na devoção tributada em Cádice, Sevilha e Portugal.<sup>80</sup>

Os dois “etíopes”, Antônio de Noto e Benedito de São Fratello, completam esse panteão africano, particularmente o primeiro, que representa a capacidade da religião católica de converter os muçulmanos. Antônio, como sabemos, nasce

na mortífera seita de Maomé, por ser filho de pais mouros negros, porque é costume muito antigo vir os mouros de Barbária em caravana pelos desertos da Líbia até a Guiné para resgatar muitos pequenos negros e negras de sete e oito anos para que, criados desde tenra idade na sua maldita seita, a tenham tão naturalizada como se dentro dela tivessem nascido. Destes foram os pais do nosso santo, o qual, para sua grande ventura, Deus trouxe à terra dos cristãos e ao grêmio da Igreja Católica.<sup>81</sup>

Se, no caso de Antônio, a grandeza de Deus se manifesta na liberação da “falsa” religião da seita maometana, no caso de Benedito revela-se no contraste entre a humildade do nascimento de mãe escrava e a excepcionalidade das virtudes.

<sup>78</sup> Ibidem, p. 183.

<sup>79</sup> “No teniendo un día que dar, creció tanto su caridad, que se dio a sí mesmo, vendiéndose a unos gentiles y repartiendo el precio que por él habían dado, a los pobres. Sirvió a su amo con tan cuidado [...] que los convitió”. Ibidem, p. 184.

<sup>80</sup> Onde seu culto teria sido introduzido em 1737, através de uma nobilíssima congregação composta de 120 brancos, que deveriam ser “ser puros de sangue”, ereta no convento do Carmo de Lisboa. Ver Fray José de Santa Ana, *Crónica dos Carmelitas*, Lisboa: 1745, t. I, parte IV.

<sup>81</sup> A. de Sandoval, *De instauranda Aethiopum salute*, Sevilha 1627, Madri 1636, p. 185.





*Bela Santa Efigênia, coroada por um resplendor, tendo nas mãos a cruz patriarcal da Etiópia e sua igreja em chamas. Escultura em madeira dourada do século XVIII, altura 112 cm, Porto, Convento de Santa Clara. As chamas rememoram a perseguição de que ela teria sido vítima da parte do rei Hirtacus, que desejava desposá-la pela força, quando já estava recolhida a um convento, liderando duzentas virgens. O apóstolo Mateus, que teria intervindo para protegê-la, é assassinado por Hirtacus, mas o seu espírito teria voltado do além e desviado o fogo para o palácio real, matando o rei maldoso, após o que o povo aclama como rei o irmão de Efigênia [Cf. Jacques de Voragine, La légende dorée, Paris: Les éditions du Seuil, 1998 (séc. XIII), pp. 531-532].*



*Por que es tanta la sabiduría de Dios, que de tizones hace santos y de carbones negros cual era este negro, encendidas brasas de amor y preciosos carbuncos de caridad; [...] Y así como un carbón enciende a otros, así parece que la hermosura de su alma en quanto pudo ser, e pegó y trasfundió en el carboncillo de su denegrido cuerpo.*

(Pois que é tanta a sabedoria de Deus que de tições faz santos, e de carvões, pretos, tal qual era este preto, acesas brasas de amor e preciosas fitas vermelhas de caridade [...] E assim como um carvão acende a outros, assim parece que a beleza da sua alma, tanto quanto possível, permaneceu e se dissolveu no carvãozinho do seu empretecido corpo).<sup>82</sup>

E, assim, pode acontecer que, “apesar de negro”, Benedito seja “o branco de todas as personagens espirituais daquele tempo”, a ponto de virar o padre guardião do convento de Santa Maria de Jesus ainda vivo e, depois de morto, o campeão da religiosidade dos escravos negros africanos em todo o Império Espanhol.<sup>83</sup>

O altar líneo da igreja de Nossa Senhora das Graças de Lisboa, antes convento dos carmelitas descalços, destruído pelo terremoto de 1755 e reconstruído no final do século XVIII, representa, conjuntamente, Elesbão e Efigênia, Antônio e Benedito, encimados pela estátua da Virgem. Mas a iconografia de Elesbão mudou em relação à representação setecentista: “Sob os pés do imperador não está mais o rei Dunáan, e a antiga lança do santo negro *Matablancos* se metamorfoseou em um báculo dourado, coroado pela cruz patriarcal da Etiópia”.<sup>84</sup> Que representa essa transformação e que tem ela a ver com Benedito e Antônio?

No tempo do imperador Justino (518-527), Elesbão, enquanto

<sup>82</sup> *De instauranda*, p. 186. Sobre este contraste concentram-se as poesias produzidas em 1652, por ocasião da sua eleição como padroeiro da cidade pelo Senado de Palermo, cujos membros não conseguem disfarçar a inquietação diante de um “tão fosco e tenebroso aspecto”, de um “rosto pleno de noturno horror, fosco e tétrico objeto”, “carvão apagado [...] do tesouro do céu carvãozinho eleito”, estimando “a alma [...] nele cintada como roupa escura”. Assim recita o apêndice a P. Tognoletto, *Vita e miracoli del venerabile servo di Dio Frate Benedetto da San Fratello, detto comunemente il Nero*, Palermo: 1652.

<sup>83</sup> Além das numerosas *Vite*, Benedito entra nos manuais de piedade, como o de M. Grégoire, *Manuel de piété à l'usage des hommes de couleur et des noirs*, Paris: 1818, pp. 93-103. Na mesma obra, Antônio de Caltagirone está nas pp. 89-92.

<sup>84</sup> E. Martínez López, *Tablero de Ajedrez. Imágenes del negro heroico en la comedia Espanola y en la literatura e iconografia sacra del Brasil esclavista*, Paris: Fundação Calouste Gulbenkian, 1998, p.125, n. 141.





*Detalhe da capela da antiga Confraria de Nossa Senhora do Rosário dos Pretos em Lisboa, Igreja de Nossa Senhora das Graças, século XVIII. Santo Elesbão e Santa Efigênia são representados no primeiro plano, os franciscanos Santo Antônio e São Benedito, no segundo, encimados pela Senhora do Rosário. Elesbão e Efigênia aparecem em hábitos carmelitas porque a igreja onde se encontra o altar representado foi primitivamente um convento dos Carmelitas Descalços, embora os dois tenham vivido muitos séculos antes do advento de tal ordem mendicante, fundada no século XII, oficialmente reconhecida em 1226, com seu ramo feminino estabelecido em 1452 e reformado por Teresa de Ávila no século seguinte. Efigênia teria vivido na época de Mateus, século I d.C., Elesbão provavelmente no século VI.*



imperador da Etiópia, castiga cruelmente o rei árabe Dunáan, “o qual era Judeo de lei e crença”, e maltratava os cristãos do seu reino: prática que atrai sobre o “*perfido Iudío*” a ira de Elesbão, que destrói a sua cidade, trucidando Dunáan e todos os seus vassallos. Depois dessa guerra é que Elesbão retira-se para um eremitério, endossa um asperíssimo cilício e morre como santo. Um santo negro, exterminador e *matablancos*, representado com um longo bastão na mão direita, semelhante a uma lança, enquanto, na mão esquerda, sustenta uma igreja estreneamente defendida, é assim registrado por Barônio, nos *Annales Ecclesiastici*,<sup>85</sup> apesar da sua história ser definida pelos Bolandistas como “incertíssima”. A integração de Elesbão, Efigênia, do Santo Eunuco e de Moisés ocorre no momento do apogeu do tráfico negreiro na Europa, que tem, em Lisboa e Sevilha, suas praças mais importantes.<sup>86</sup>

Barônio quer sugerir a antiguidade da Igreja na Etiópia que, como profetiza o Salmo 67:32, tinha antecipado o acolhimento da fé de Deus entre os gentios: “*Aethiopia praevenit manus eius Deo*” (A Etiópia provém das mãos do próprio Deus), e, por isso, mereceu ser a esposa de Cristo, figurada na esposa negra de Moisés. Os santos negros vêm em socorro a Barônio, para relembrar à desmemoriada cristandade negreira que a literatura patrística tinha representado o etíope como símbolo da salvação dos gentios. A Igreja da Etiópia, purificada pela fé, tornava-se “*candida y hermosa*”, aliás, “*negra sì, pero hermosa*,” como recita o salmo citado e como serão descritos por Daça os nossos Antônio e Benedito. E o jesuíta Antônio Vieira, nos seus *Sermões*, apresentaria a etiópica mulher de Moisés e os amores de Salomão com a negra rainha de Sabá como favores divinos antecipados aos africanos, em troca da “precoce devoção dos negros” a Deus, demonstrada pela imediata fé do Rei Mago e pelo batismo do Eunuco da Rainha Candace.<sup>87</sup>

<sup>85</sup> Roma, 1586, tomo VII.

<sup>86</sup> A. Franco Silva, *La esclavitud en Andalucía, 1450-1550*, Granada: Universidad de Granada, 1992; e A. Pedro de Carvalho, *Das origens da escravidão moderna em Portugal*, Lisboa: 1870.

<sup>87</sup> A. Vieira, *XX Sermão do Rosário*, predicado em 1685, mas publicado em 1688. In G. Alves (org.), *Sermões*, 15 vols., (Porto: Lello & Irmão, 1959, XII, pp. 99-100). O mesmo caminho empreenderão nas colônias os brasileiros Frei José Pereira de Santa Ana, escrevendo um volume sobre Elesbão e um sobre Efigênia (Fray José Pereira de Santa Ana, *Os dous Atlantes da Ethiopia, Santo Elesbão, Emperador da Abessina, advogado dos perigos do mar e*







*Com expressão facial jovial e bondosa, esta iconografia de Santo Elesbão com hábito carmelita, pisoteando o rei branco Dunáan, foi mantida no Brasil, em Pernambuco, capitania e depois província conhecida pelas combativas tradições confrariais negras. Escultura em madeira policromada, altura 150 cm; Olinda, Confraria de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, século XVIII.*



Como é largamente conhecido, a doutrina da Igreja na matéria baseava-se no conceito de “escravidão justa”, explicitada na bula *Dum diversas*, de 16 de junho de 1452, com a qual o Papa Nicolau V autorizava Afonso V, rei de Portugal, a escravizar as populações da Guiné. Para os moralistas dos séculos XVI e XVII, a escravidão legal também era legitimada pelas Sagradas Escrituras e pela condenação dos descendentes de Cam. São Paulo e São Pedro tinham recomendado aos escravos que obedecessem com lealdade aos seus senhores, se compartilhassem a mesma fé religiosa ou se tivessem senhores pagãos. São Tomás, corrigindo a doutrina aristotélica, em que a escravidão é considerada uma instituição natural, a considerava pertencente mais à ordem da sociedade do que à ordem da natureza; mas numerosos textos de ascendência patrística recordavam que a alforria de um escravo é uma obra pia, que o escravo não é para o senhor uma simples propriedade, mas um servidor a quem é reconhecido o direito ao matrimônio legítimo.

*Les choses semblent avoir changé à partir des années 1230 environ, quand la conversion des infidèles au christianisme devint, sous l'effet de la prédication des Ordres Mendiants et en particulier des Franciscains, une préoccupation majeure au sein de l'Eglise.*<sup>88</sup>

Enquanto que, até o século XII, os Estados latinos da Terra Santa tinham libertado os escravos convertidos, agora o dominicano Raimundo de Pegnafort admite que, onde a escravidão é consuetudinária e legal, o batismo do escravo pagão não justifica sua alforria. Nesse senti-

*Santa Ifigenia, princesa de Nubia, advogada dos incendios dos edificios, ambos carmelitas, 2 vols., Lisboa: A. Pedrozo Galram, 1735 (o vol. sobre Elesbão) e 1738 (o vol. sobre Efigênia). Frei Antônio Jaboatão de Santa Maria e Frei Manuel de Madre de Deus, na metade dos Setecentos, escreverão a hagiografia de Gonçalo Garcia: Fray Antonio Jaboatão de Santa Maria, O. F. M., Discurso historico, geographico, genealogico, politico e encomiastico, recitado na nova celebridade, que dedicarão os Pardos de Pernanbuco, ao Santo da sua cor, O Beato Gonçallo Garcia, na sua Igreja do Livramento do Recife, Lisboa, 1751; Fray Manuel da Madre de Deus, Summa triumphada nova e grande celebridade do glorioso e invicto martyr, San Gonçalo Garcia, Lisboa: 1753.*

<sup>88</sup> (Em francês no original: As coisas parecem ter mudado mais ou menos a partir dos anos 1230, quando a conversão dos infiéis ao Cristianismo, sob a influência da predicação das ordens mendicantes, e particularmente dos franciscanos, tornou-se uma preocupação maior no seio da Igreja). Ver A. Vauchez, “Note sur l’esclavage et le changement de religion en Terre Sainte au XIII<sup>e</sup> siècle”, in H. Bresc (org.), *Figures de l’esclave au Moyen Age et dans le monde moderne*, (Paris: L’Harmattan, 1996), p. 94.



do, exprimir-se-á o papa em 1238, ao afirmar que o batismo não muda a condição social do convertido. E a descoberta do Novo Mundo e de suas populações irá decompôr posições bem consolidadas. O breve papal de 29 de maio de 1537, enviado ao arcebispo de Toledo, e a bula de 2 de junho do mesmo ano, que proíbe a escravização não só dos índios mas de qualquer homem de qualquer raça ou religião, caem rapidamente no esquecimento; nas obras dos moralistas e na casuística da Idade Moderna, a escravidão apoia-se na lei divina e é, portanto, considerada não só moralmente lícita, como eventualmente, até mesmo, uma questão de fé.<sup>89</sup>

Registra-se, portanto, uma pluralidade de posições, desde a condenação da violência que está na origem do tráfico, até a necessidade de fechar os olhos diante da importância crucial dos negros na economia americana, mas prevalece, sobretudo, o temor de colocar em crise o *status quo*.<sup>90</sup> As vozes favoráveis à libertação dos escravos não são muitas no século XVII, quando o culto de Benedito de Palermo é posto como “alternativa abolicionista” a Santo Elesbão *Matablancos*.

Henrique Martínez López sugere, com aguda e profunda erudição, que a imagem de Benedito aproxima-se da do lusitano Antônio de Pádua, assinalando que é muito frequente vê-lo, sobretudo no Brasil, representado com o Menino Jesus nos braços.\* O mesmo tom lusitanizante contém a versão que mostra o santo segurar um buquê ou uma cesta na túnica, como habitualmente encontramos em Santa Isabel, filha de Dom Pedro III de Aragão e de Constância da Sicília, sob o modelo de Santa Elisabete da Hungria, aparentada com a santa portuguesa, ambas capazes de transformar em rosas o alimento destinado aos pobres.<sup>91</sup>

<sup>89</sup> É efetivamente repudiada apenas com a encíclica de Leão XIII, endereçada aos bispos do Brasil, *In plurimis*, de 5 de maio de 1888.

<sup>90</sup> A. J. Saraiva, “Le Père Antonio Vieira S. J. et la question de l’esclavage des Noirs au XVII<sup>e</sup> siècle”, in *Les Annales*, A. XXII, n. 6, nov-dez. (1967), pp. 1289-1309.

\* E a de Antônio de Noto também, ver figura 1, p. 53 (N.d.T.).

<sup>91</sup> Dell’Aira escreve que “Joseph Pereyra Báyam (*História das prodigiosas vidas dos gloriosos santos Antônio, e Benedito, mayor honra e lustre da gente preta*, Lisboa: 1727) cita uma crônica de Fernando da Soledade (1620), hoje perdida, referindo um curioso milagre do santo negro, desconhecido na Sicília: um dia Benedito, que varria o dormitório, recolheu a imundície e a escondeu na túnica. Interrogado pelo vice-rei que queria saber o que havia ali dentro, lhe mostrou alguns buquês de rosas”. A. Dell’Aira, “Introduzione” a L. de Vega Carpio, *Commedia famosa del santo nero Rosambuco della città di Palermo*, Palermo:





### A disparidade física entre o menino branco e o adulto negro

manifestava os riscos inerentes à desproporção demográfica do Brasil escravista, onde uma maioria de negros e mulatos a serviço da minoria branca podia recorrer à violência e inverter os papéis [...]. Para prevenir este desfecho, a imagem propõe que o senhor branco e o escravo negro amem-se, como certamente amam-se Cristo e Benedito.<sup>92</sup>

Os moralistas católicos, na melhor das hipóteses, auspiavam que os senhores dispensassem liberdade e salário ao escravo; na pior, que este último aceitasse, com letícia cristã, os seus grilhões como um meio de salvação espiritual. Se os senhores são obrigados a prover as suas necessidades, fornecendo-lhes alimentação, habitação, roupas e salário, e a não se excederem na imposição do trabalho e na punição, são considerados de bom juízo, porque Deus é pai e não déspota (“fora senhores, dentro iguais”).

Os escravos, em compensação, devem aprender a conservar a consciência pura, apesar das circunstâncias adversas, sofrer com paciência as aflições que, mesmo injustamente, lhes causam seus senhores, aceitando ser punidos até mesmo por uma ação meritória. Têm obrigação de obedecer não somente aos senhores que os tratam com brandura, mas também àqueles que recorrem à aspereza e à brutalidade: se eles não retribuírem o bom serviço prestado pelo escravo, Deus o fará, se não nesta vida, na outra.<sup>93</sup> Além do mais,

que poderia dizer a um camponês o grande São Gregório Magno ou o egrégio São Tomás de Aquino? Propor àquelas sacrificadas gentes da gleba um congênere da sua mesma raça, adornado pela auréola da san-

Palumbo, 1995, p. 28. O paralelo iconográfico com Santa Isabel vem de F. de Vasconcelos, “Um problema de Iconografia religiosa”, in *Póvoa de Varzim*, A. XXVI, n. 2, (1989), pp. 701-709.

<sup>92</sup> Ver E. Martínez López, *Tablero de Ajedrez*, p. 122.

<sup>93</sup> Por detrás desta atitude paternalista, que recomenda paciência, tempo e doutrina, Alonso de Sandoval tem convicções profundamente racistas, pois que está persuadido de que os negros derivam de um defeito de geração, na esteira da explicação que Aristóteles dá dos monstros. “Assim podemos explicar que aqueles que têm o aspecto de animais brutos, não possuem razão mas instinto natural, etc etc”, são canibais, não crêem na vida eterna, nem no inferno, são sepultados com suas armas para combater os espíritos, veneram ídolos e crêem que os padres sejam o demônio... Ver A. de Sandoval, *De instauranda*, pp. 28-34, 67 e passim.





tidade. Comprovar que tal indivíduo havia sido escravo como elas [...] lhes abriria as grandes portas da religião e da fé”.<sup>94</sup>

De outras fontes, aprendemos que a iconografia do Novo Mundo submeteu-se a algumas inovações étnicas, uma vez que os negros “pintam São Miguel de preto, e o demônio que está debaixo dos seus pés, de branco [...] porque, como eles são negros, querem que os santos lhes sejam semelhantes, porque a consideram a melhor cor”.<sup>95</sup> Temos, portanto, uma maneira de embelezar os santos da nova devoção, na mesma medida do que acontece com a iconografia da Madona “*morenita*”, que povoará os altares das Américas do centro e do sul, medida defensiva associada à forte tensão provocada pela assimilação do símbolo.<sup>96</sup>

*Los negros no se apasionan por la gente blanca porque tienen por feo el color blanco y por hermoso lo negro. Así se sabe que los Etipos gentiles pintan negros a sus dioses; los cristianos a los ángeles y santos; y unos y otros pintan blancos a los demonios.*

(Os negros não se apaixonam pela gente branca porque consideram que a cor branca seja feia, e formosa a cor preta. Assim sabe-se que os gentios etíopes pintam de preto os seus deuses, como os gentios cristãos o fazem com anjos e santos, uns e outros pintando de branco os demônios).<sup>97</sup>

Desse ponto de vista, Benedito e Antônio representavam o escravo ideal, analfabeto (“*santo idiota*” e “*de pocas palabras*,” para

<sup>94</sup> “Qué le podrá decir a un campesino el gran San Gregorio Magno o el egregio Santo Tomás de Aquino? Proponer a quella gente sacrificada de la gleba a un congénere de la misma raza, adornado con el nimbo de la santidad; comprobar que había sido esclavo como ellos [...] les abrían las puertas grandes de la religión y de la fe”. Ver A. E. Vaquero Rojo, *San Benito de Palermo. El primer negro canonizado*, Madrid: Atenas, 1985, p. 273.

<sup>95</sup> Ver Fray Luis de Urreta, O. P., *Historia moral, eclesiástica, política y natural de los grandes y remotos reynos de Etiopía, monarchía del emperador llamado Preste Iuan de las Indias*, Valência, 1610, apud E. Martínez López, *Tablero de Ajedrez*, p. 120.

<sup>96</sup> A título de exemplo, ver o caso da difusão do culto da virgem de Guadalupe em Potosi, nos primeiríssimos anos dos Seiscentos, operada por Diego de Ocaña, da Ordem de São Felipe Neri, o qual escreve: “Como yo la pinté un poquito morena, y los Indios lo son, decian que aquella señora era mas linda que las otras ymagenes, y la querian mucho porque era de su color”. Cit. in K. Mills, *Diego de Ocaña e l’organizzazione del miracoloso a Potosi*, in Fiume (org.), *Il santo patrono e la città*, p. 380.

<sup>97</sup> Ver Fray Benito Jerónimo Feijoo, *Obras escogidas*, III, Biblioteca de Autores Españoles, 142, Ed. A. Millares Carlo, 1961, discurso sobre o *Color etiópico*, p. 398.



Daça), trabalhador dócil e de confiança, pastor e cozinheiro (Martino de Porres também empunha a vassoura de *criado*, de servo doméstico do seu convento).<sup>98</sup>

*San Elesbáa Matablancos presentaba no a quel negro sólo bueno para hermano lego, sino un emperador poderoso a quien la Iglesia bendijo como instrumento de la ira de Dios contra unos blancos que eran crueles enemigos de la cristianidad [...]. Era, pues, como posible modelo para el esclavo insumiso, una alternativa belicosa al de San Benito.*

(Santo Elesbão Matablancos, como irmão leigo, não representava o negro bondoso, senão o imperador poderoso que a Igreja havia bendito como instrumento da ira divina contra aqueles brancos que eram cruéis inimigos da cristandade [...]. Era, portanto, um possível modelo para o escravo rebelde, uma alternativa belicosa àquela representada por São Benedito).<sup>99</sup>

Ao lado da pacífica Efigênia, os mansos Antônio e Benedito apresentam-se à representação da santidade negra: Benedito é beatificado em 1743,<sup>100</sup> por aquele mesmo Benedito XIV que, dois anos antes, havia condenado a injusta escravidão e os maltratos aos índios no breve *Immensa Pastorum*, endereçado aos bispos brasileiros. A Igreja ensinará aos escravos africanos que o tráfico negreiro transplantou para o Novo Mundo a “entrada no Paraíso pela estrada do sofrimento”.<sup>101</sup>

<sup>98</sup> No retrato talvez setecentesco conservado no monastério de Santa Rosa, em Lima, o santo empunha a vassoura na mão direita, em estridente contraste com o elegante hábito dominicano. Ver M. Sardoc Bertucci, “San Martino de Porres”, in *Bibliotheca Sanctorum*, vol. VIII, Vaticano: Città Nuova Editrice, 1966, col. 1240-1245. Só foi canonizado em 1926.

<sup>99</sup> E. Martínez López, *Tablero de Ajedrez*, pp. 123-4.

<sup>100</sup> São publicadas naquele tempo as obras de Fray Antônio Vicente de la Cruz Morado, ou de Madrid, *El negro más prodigioso. Vida del Beato Benito de San Philadelpho*, Madrid: 1744 e 1758; Fray Diego de Albarez, O. F. M., *Sombra ilustrada con la razón. Admirable vida de el Beato Benito de San Fradello, conocido por el Santo Negro de Palermo*, Alcalá: 1747; e Joseph J. Benegassi y Luxán, *Vida del portentoso negro San Benito de Palermo, descriptas en seis cantos jocoserios del reducidísimo metro de seguidillas, con los argumentos en octavas*, Madrid: 1750.

<sup>101</sup> G. Fiume, *Saint Benedict the Moor, from Sicily to New World*, in M. Cormack (org.), *Saints and Their Cults in the Atlantic World*, (Charleston: University of South Carolina Press, 2007), pp. 16-51.





## Estratégias franciscanas: a viagem para as Américas

A devoção deslancha muito cedo, talvez já em 1593, quando Boaventura de Caltagirone,<sup>102</sup> ministro geral da Ordem e custódio da província siciliana, a única então existente, preside o 62º Capítulo, que tem lugar em Valladolid, e do qual participa um nutrido grupo de franciscanos sicilianos (Bartolomeu de Siracusa, Atanásio de Messina, Serafim de Trápani, Agostinho de Palermo, etc.). O 63º Capítulo, por sua vez, tem lugar em Roma, em 1600, e o 64º é aberto em Toledo, em 1606. Nesse último, Arcângelo de Messina, ministro da província siciliana, torna-se ministro geral, e numerosos frades presentes provêm de conventos da ilha (Boaventura de Polizzi, Ângelo de Piazza, Boaventura de Trápani, Clemente de Messina, Auditus de Palermo, Cataldo de Catânia, etc.).

Tal Capítulo tem como tarefa principal enfrentar e conciliar o conflito aberto entre os frades “oriundos da Espanha, nascidos entre os índios, que são chamados vulgarmente de *crioulos*, e os que são enviados pela Espanha para aquelas províncias”.<sup>103</sup> Os espanhóis da metrópole (peninsulares) e os espanhóis da América (*crioulos*) estão em contínuo conflito entre si, porque os *conquistadores* e seus descendentes viam os funcionários da Coroa, aos quais Madri reservava os melhores cargos do governo, como a imposição de um poder estrangeiro. E, como se vê, o conflito se reflete também no interior da Ordem seráfica, que o resolve de modo igualitário, cassando “toda Constituição que estabeleça entre eles qualquer diferença”,<sup>104</sup> seja no que diz respeito à recepção do hábito, à execução de qualquer ofício, ou às obrigações e às honras da Ordem.

Entre os representantes da família siciliana, que se expande até as Índias Ocidentais, temos Nunius Daza (ou Daça). Os franciscanos,

<sup>102</sup> Sobre Boaventura Secusio de Caltagirone, primeiro ministro geral dos frades menores observantes, ver A. Spadaro, “Note sulla permanenza di Caravaggio in Sicilia”, in M. Calvesi (org.), *L'ultimo Caravaggio e la cultura artistica a Napoli, in Sicilia e a Malta*, (Siracusa: 1987), pp. 289-292.

<sup>103</sup> “Ab Hispania oriundos et apud Indios natos qui vulgari vocabulo appellantur criollos et illos qui ex Hispania ad illas Provincias sunt missi” (Os oriundos da Espanha e nascidos no meio dos índios, chamados vulgarmente de *crioulos* e aqueles que da Espanha são enviados às suas províncias). Ver as atas do Capítulo de Toledo de 1606, atas completas p. 6101.

<sup>104</sup> (“Omnes et singulae constitutiones [...] quae aliquam inter hos differentiam assignant”). Ibidem.



sobretudo os observantes espanhóis e portugueses, foram ao Novo Mundo com os descobridores: a participação da Ordem nas Américas remonta à primeira viagem de Colombo, com os padres Giovanni Perez e Antônio de Marchena, do Convento de La Rabida. Um grupo numeroso tinha acompanhado Perez em viagens sucessivas, entre 1493 e 1502; desembarcando no Haiti e em Santo Domingo (1500), Giovanni de la Deule havia evangelizado as Antilhas (1493-1510) e Giovanni de Trasierra, nomeado comissário geral das Índias Ocidentais, havia alcançado, em 1514, a Venezuela, onde constituiu a primeira província observante da América (Santa Cruz), enquanto os frades portugueses, embarcados em 1500 com Cabral, em Coimbra, tinham fundado, em 1516, a primeira igreja franciscana em Porto Seguro. Entre mil dificuldades, começava a evangelização no Novo Mundo. Os dominicanos também estavam na ativa e iniciaram a ação missionária em Nova Andalusia.

Observemos a área venezuelana: em Caracas, em 1575-1576, funda-se o convento de São Francisco, em 1578 temos um convento em Trujillo, enquanto são registrados contínuos desembarques de missionários franciscanos provenientes da Espanha (doze em 1580, catorze em 1590, doze em 1601 e outros tantos em 1605; vinte em 1613 e assim por diante em 1618, 1633, 1655...). A América do Sul tornara-se a maior área de missão franciscana na época colonial: em algumas zonas eles tinham chegado primeiro e eram eventualmente os únicos missionários, e pelo seu número não temiam o confronto com nenhuma outra ordem religiosa.<sup>105</sup>

Entre 1553 e 1675, foram estabelecidas umas nove províncias organizadas; a partir daquela dos Doze Apóstolos de Lima, no Peru, a Ordem expandiu-se na direção da Bolívia, da Argentina e do Chile. Sua atividade de evangelização é bem representada por Francisco Solano (1549-1610) que, depois de uma extraordinária carreira em Tucumán, na Argentina, de 1590 a 1601, onde converteu índios de Talavera, de quem, prodigiosamente, em menos de quinze dias, aprendeu a língua, e onde, armado apenas com o crucifixo, desarticulou uma revolta contra

<sup>105</sup> Ao contrário, no Brasil, “no confronto com os jesuítas, as outras ordens eram menos ativas no início da era colonial”, segundo Ch. Verlinden, *Le origini della civiltà atlantica*, Bolonha: Ed. Avanzini e Torraca, 1968, p. 259.



os espanhóis da guarnição. Foi chamado a Lima para assumir a tarefa de guardião do convento de São Francisco, onde morreu em 1610.<sup>106</sup>

Os franciscanos alcançam a Venezuela, partindo da ilha Hispaniola (Santo Domingo) e do Reino de Granada (Colômbia), provenientes da Espanha. E a primeira província franciscana, intitulada Santa Cruz, agrupará Caracas e Cuba, além de Santo Domingo. A primeira fundação em terra firme tem lugar na Costa de las Perlas, em Cumaná (1514-1522), apoiada pelo cardeal regente Cisneros, no Capítulo Geral de Rouen (França), e largamente abastecida de meios e recursos da Coroa espanhola. As crônicas franciscanas e as inúmeras relações de viagem, relatórios aos superiores da Ordem, diários e memoriais – muitos dos quais são conservados ainda manuscritos no arquivo da Cúria Geral franciscana de Roma – descrevem vivamente as contradições entre os frades e as populações locais, com as quais eles entravam em contato. Às dificuldades do trabalho de evangelização acrescenta-se a resposta, eventualmente violenta, dos índios à exploração a que os conquistadores e as autoridades espanholas os submetiam. Em dois anos, são construídas duas igrejas e dois conventos, acolhidos festivamente pelos nativos, “os quais a princípio se mostraram fáceis de converter, mas depois, pelas guerras e atrocidades sofridas, começaram a trucidar os conquistadores”.<sup>107</sup>

A conversão dos índios das nações cumanagotos, palenques, piritus e caribes é particularmente difícil, porque se trata de gente “que como feras de los campos vivían sin obediencia ni razón, ni más leyes que las de su apetito i brutal paganismo”.<sup>108</sup> Essas populações rejeitam a vida sedentária que as missões impõem e, frequentemente, desertam. Em 1520, tem início uma sublevação de índios que destrói igrejas e conventos e mata missionários.

<sup>106</sup> Fray Diego de Cordoba y Salinas, *Vida, virtudes y milagros del nuevo Apostol del Pirù, el venerable fray Francisco Solano*, Lima: 1630. “Apóstolo do Peru” foi, pela sua atividade de evangelização de muitos “infelizes índios escravos de Satanás que viviam como animais selvagens”, beatificado por Clemente X, em 1675, e proclamado patrono de numerosas cidades da Bolívia, Peru, Uruguai, Paraguai, Chile, Argentina, e em seguida canonizado por Benedito XIII em 1726.

<sup>107</sup> Marcellino da Civezza, *Storia universale delle missioni francescane*, vol. VII, parte II, Prato: 1891, p. 33.

<sup>108</sup> *Relacion histórica de la ereccion de la provincia de Franciscanos en la Nueva Granada desde 1618 hasta estos ultimos años*, Bogotá: 1853, p. 4.



As missões nunca representam conquistas definitivas, precisam ser defendidas dos assaltos, às vezes, os frades são obrigados a abandoná-las e retrancar-se no convento mais próximo. Assim, em 1647, as autoridades civis de Nova Barcelona pedem licença às autoridades religiosas para fundar um convento franciscano, diante do escasso número de frades da Ordem seráfica: cerca de oitenta em toda a província de Santa Cruz e Caracas, divididos em catorze conventos (nas ilhas de Santo Domingo, Porto Rico, Jamaica, Trinidad, Margarita, e em terra firme, em Cumaná, Caracas, Valência, Barquisimeto, Tocuyo, Carora, Trujillo, Coro e Maracaibo). Surgirão outros, cada vez que a Ordem é estabelecida *manu militari* e, apesar das epidemias, das invasões de insetos, das enchentes e toda outra praga de sabor bíblico que se abata sobre eles.

Observando a penetração franciscana na América do Sul, vê-se claramente que é a Ordem seráfica, prevalentemente, na sua componente ibérica, a levar Benedito ao encontro dos escravos africanos. Os frades estabelecidos na América participam dos Capítulos gerais, enfrentando longas e perigosas travessias (Juan de Galvez, em 1617, vai ao Capítulo de Salamanca; Boaventura Lopez Generes vai ao de 1638, etc.); são organizados conventos de noviços em Barquisimeto, em Guanare e Maracaibo. Aliás, um convento franciscano já existe em Maracaibo, desde 1608, e em Valência, no século XVIII. No alvorecer deste século, já existem frades crioulos e naturais das ilhas Canárias nos conventos venezuelanos de Trujillo, Maracaibo e Porto Rico.<sup>109</sup>

Nos Capítulos, o tema na ordem do dia é a evangelização dos índios. Nenhum aceno faz essas fontes às estratégias voltadas para os africanos deportados pelo tráfico, porque ainda são numericamente inferiores às populações locais e deixados aos cuidados dos senhores. Entretanto, em 1663, temos um *asiento* estabelecido por dois italianos, Domingos Grillo e Ambrósio Lomellino, em nome de uma companhia holandesa que os contrata para fornecer, por sete anos, três mil e qui-

<sup>109</sup> Gomez Carredo, *La provincia franciscana da Santa Cruz de Caracas. Cuerpo de documentos para su historia (1513-1837)*, t. I, Caracas: Academia Nacional de la Historia, 1974. Idem, *Las misiones de Píritu. Documentos para su historia*, t. I, Caracas: Academia Nacional de la Historia, 1974, vols. I e II. O autor analisa a evangelização dominicana e franciscana na área situada entre os rios Orenoco e Negro, onde foi fundada a cidade de Nova Barcelona.



nhentos escravos negros ao ano, nos portos de Cartagena, Portobelo e Veracruz. E o preço de cada escravo saudável e com as características exigidas, nos portos da costa de Barlavento, Santa Marta, Cumaná e Maracaibo, era de 300 pesos cada um.<sup>110</sup> Em uma palavra, na mesma área passamos a encontrar dois dos ingredientes principais da nossa história: franciscanos evangelizadores e escravos africanos.

Providências *Pro Indiarum provinciis* são tomadas no Capítulo de 1600, e ao tema *Pro Indiis* retorna o Capítulo de 1606, no quadro da evangelização das Américas, à qual se referem os frades que, provenientes das áreas de missão, começam a participar dos trabalhos nos Capítulos e nas congregações, organizadas entre um Capítulo e outro. Em 1618, eleito no Capítulo de Salamanca, Benigno de Gênova torna-se ministro geral,<sup>111</sup> aquele que, na qualidade de protetor da Ordem, encarregará Antonino de Randazzo de representá-lo nos processos de canonização de Benedito, tanto em 1620 quanto em 1625. Nos sete anos do seu generalato, ditará os *Statuta generalia* da Ordem, regulamentando todos os detalhes: o noviciado, as orações, o silêncio, a disciplina, o uso do dinheiro, o empréstimo e os juros, etc.

Os Capítulos devem, além do mais, enfrentar os contragolpes dados na Ordem pela onda missionária, os problemas de reinserção à pátria dos frades que voltam indisciplinados, se não embrutecidos, de longas missões nas Índias Ocidentais, eventualmente de posse de ouro e prata, que é expressamente proibido trazer para a Europa (“*aurum et argentum transferre nefas*”), mesmo se eles o receberam para celebrar missas de sufrágio pela alma dos mortos (“*pro defunctorum suffragiis*”). Devem também reorganizar as províncias americanas (na Lima dos Doze Apóstolos, em Santo Domingo, em Santa Cruz; a custódia da Flórida torna-se província de Santa Helena, a custódia do Paraguai torna-se província da Virgem Maria Assunta). Nesses locais difundem-se e trocam-se informações sobre os confrades que se distinguem por virtudes e graças, começam-se a trocar notícias sobre a gesta, fre-

<sup>110</sup> Cit. in J. García, *Africanas, esclavas y cimarronas*, Caracas: Fundacion Afroamerica, 2000, pp. 35-36.

<sup>111</sup> Sobre Benigno de Gênova cf. Tognoletto, *Paradiso serafico*, I, pp. 566-568.





quentemente heróica, dos primeiros evangelizadores, eventualmente mártires da fé. Os frades sicilianos, certamente, fazem referência a Antonino de Noto e a Benedito de São Fratello, ambos mouros e frutos da capacidade evangelizadora da religião cristã.

### **Nicolau Faranda, jesuíta, e Antônio Daça (ou Daza), franciscano**

A Sicília espanhola, na última década dos Quinhentos, depois de uma onda de peste e de carestia, presencia uma incisiva iniciativa institucional, quando o Vice-rei Diego Enriquez de Guzman, Conde de Albadeliste (1585-1592), ordena um reconhecimento e uma sistematização das fontes hagiográficas sicilianas, além da compilação de tabulários sacros, a fim de dotar a ilha de um patrimônio sagrado, sob sugestão do jesuíta Nicolau Faranda.<sup>112</sup> Depois dele, o vice-rei seguinte, Arrigo de Guzman, Conde de Olivares (1592-1595), solicitado em 1595 por Felipe II, apaixonado colecionador de relíquias, estimulou uma aceleração do trabalho,<sup>113</sup> durante o qual Otávio Gaetani substitui Faranda, que o continuou até 1620, data da sua morte. O material do volume *Vitae, processus et miracula*, posteriormente, conflui para a coletânea de Gaetani, da qual se conhece a complicada trajetória editorial: editada – e remanejada – pelo confrade Pedro Salerno, que, acrescentando um prefácio e uma dedicatória a Filipe IV, a publica somente em 1657.<sup>114</sup>

<sup>112</sup> Na dedicatória de Pietro Salerno (1598-1666), organizador da edição das *Vitae Sanctorum Siculorum* de Otávio Gaetani, lê-se: “D. Didacus Enriquez de Guzman Comes Albadelista cum pro Rege Siciliam administraret, auctore ac monitore Nicolao Faranda e Societate Iesu, componendis Sanctorum Siculorum Vitis, sicula tabularia primus perquiri iussit” (“D. Didacus Enriquez de Guzman Comes Albadelista, quando administrava a Sicília para o Rei, autorizou e supervisionou a Nicolau Faranda, da Sociedade de Jesus, a compor tabulários das vidas dos santos seculares, a primeira pesquisa bem sucedida”).

<sup>113</sup> Ver sobre estes temas S. Cabibbo, *Il Paradiso del Magnifico regno. Agiografi, santi e culti nella Sicilia spagnola*, Roma: Viella, 1996.

<sup>114</sup> Muito importante o espólio sistemático das cartas preparatórias da obra que, já faz algum tempo, está organizando M. Stelladoro, “Contributo allo studio delle ‘Vitae Sanctorum Siculorum’ di Ottavio Gaetani: inventario delle carte preparatorie”, in G. Luongo, *Erudizione e devozione. Le Raccolte di Vite di santi in età moderna e contemporanea*, Roma: Viella, 2000, pp. 221-307. Sobre os acontecimentos editoriais ver S. Cabibbo, *Santa Rosalia tra terra e cielo*, Palermo: Sellerio, 2004, particularmente p. 41 e sqq.



O processo de beatificação de Antônio Etíope foi conservado graças à solércia do jesuíta Nicolau Faranda (1539-1612), natural de Messina, iniciado na Companhia de Jesus por volta de 1557, ordenado sacerdote em 1567, tendo vivido entre Siracusa, Catânia e Palermo, onde morreu em 1612.<sup>115</sup> Provavelmente, o volume completo, intitulado *Vitae, processus et miracula aliquot Sanctorum Siculorum*, conservado na Biblioteca Municipal de Palermo, foi organizado por Faranda, lembrado como “reconhecedor e fornecedor” dos materiais enviados e utilizados por Gaetani. No volume em questão, composto de trinta e três fascículos relativos a vários santos, o fascículo oitavo contém uma única página em que se lê a vida de São Cono (ou Conone) de Naso, “foi traduzida do grego ao latim por solicitação do padre Nicolau Faranda, a quem deverá ser restituída”; e no fascículo nono, relativo à *Vita di Santo Cono*, somos informados de que foi

*cavata dall’officio quale lo fece un Cappuccino di Naso, che morse molto santamente, et così anco fu la sua vita; et il padre Nicolau Faranda la fece scrivere da un prete venerando di Naso, che tiene schola a San Sebastiano a Palermo, alli 10 di marzo 1595.*

(extraída de um ofício feito por um capuchinho de Naso, que morreu muito santamente, e também assim foi sua vida; e o padre Nicolau Faranda a fez escrever por um venerando padre de Naso, que dirige uma escola em São Sebastião, em Palermo, aos 10 de março de 1595).<sup>116</sup>

Analogamente, uma carta, datada de julho de 1595, firmada por Dom Francisco Rampolla, acompanha o fascículo relativo à vida do Beato Gandolfo. Podemos ler, ali, que o padre Nicolau Faranda, convencido de que a *Vita* do beato, já em sua posse, “era tão incorreta que não se podia interpretar de nenhum outro modo”, recorre aos magistrados de Polizzi para obter “a legenda correta e fielmente extraída” para comparação. O escrivão, persuadido de que

<sup>115</sup> Em 1569 o vice-rei, Marquês de Pescara, pede um relatório sobre as condições da ilha e envia alguns aristocratas de sua confiança para visitar terras e cidades, e quer que um padre da Companhia de Jesus acompanhe cada um deles “*per guida e scorta*”. De Siracusa é enviado Nicola Faranda, que transforma a obediência devida ao vice-rei em ocasião de exercitar a caridade. Cf. Domenico Stanislao Alberti, *Dell’istoria della Compagnia di Gesù*, Palermo: 1702, p. 231.

<sup>116</sup> *Vitae, processus et miracula aliquot Sanctorum Siculorum*, fascículo nono.



as cópias em circulação estavam cheias de infinitos erros, com a licença do vigário geral fe[z] abrir a caixa de prata onde estão as santas relíquias, na qual encontrou-se um livro com folhas de papel pergaminho e letra mais ou menos grande, o qual fez copiar pelo escrivão Felipe Clariana, com algum zelo [da parte dele, Rampolla].

A cópia em questão foi enviada para Nicolau Faranda com mil recomendações. Enfim, na papelada relativa ao processo de Antônio de Noto, no verso de uma página podemos ler:

Assinalar como, em 26 de junho de 1595, em Palermo, obtive estas informações da vida e milagres do beato Antônio de Noto do senhor Aurélio Ardito, as quais lhe foram mandadas pelo senhor Alphio la Noce, siracusano, capitão da cidade de Noto, das quais eu lhe fiz encomenda particular, quando estive aqui em Palermo neste ano passado, antes que fosse nomeado capitão em Noto. E assim cumpri fielmente a tarefa. Isto para ficar registrado. Sit mihi Dei, da Virgem sempre devoto. Haec Nicolau Faranda, sacerdote da Sociedade de Jesus.

O material, providenciado diretamente por ele, diz respeito a Santa Ágata, São Vito e São Modesto, “Santo Calógero, o grande Santo Pelegrino”, São Felipe de Ágira, Santo Fantino, Santo Zózimo Siracusano, São Gregório, bispo de Agrigento, Leone Luca Abate, e ao Beato Lorenzo de Frazanó. A pesquisadora Maria Stelladoro pergunta-se justamente: “Pode-se reconhecer e distinguir o trabalho de Nicolau Faranda do de Otávio Gaetani”,<sup>117</sup> diante da precedência cronológica das pesquisas do primeiro, que já era conhecido com “protetor da história dos santos sicilianos?”<sup>118</sup> Qualquer que seja a resposta, está fora de dúvida o mérito do jesuíta messinês, o qual, no breve perfil que lhe diz respeito, é definido “bom confessor e muito versado em casos de consciência”, “desejoso de ir às Índias Ocidentais entre os infiéis.”<sup>119</sup> Não comparece entre os missionários jesuítas na época no Brasil, mas a atenção ao *Santo*

<sup>117</sup> M. Stelladoro, “Contributo allo studio delle ‘Vitae Sanctorum Siculorum’”, p. 237.

<sup>118</sup> Ver a nota manuscrita que acompanha a solicitação de restituir a Faranda a vida de São Calógero, que a cidade de Sciacca lhe envia, por ordem do vice-rei de Albadeliste, “Contributo allo studio”, p. 250n.

<sup>119</sup> *Neap. Sicula Catalogi, 1553-1571* (Sic. 59), “Catalogus a Sicilia missus a. 1567 mense januario”, in *Archivio Generale della Compagnia di Gesù*, Roma: p. 194, cit. in S. Guastella, *Lui e noi per loro*, p. 213, nota 8, e p. 214.



*scavuzzo* e ao *Nigro eremita* decorrem da ânsia evangelizadora que assaltou, na época, muitos religiosos da Companhia de Jesus.

No material colecionado por Faranda e Gaetani, encontram espaço os frutos das pesquisas de Antonino de Randazzo e a hagiografia de Benedito, o Mouro, Antonino de Etiópia e Antônio de Noto, pelos quais o empenho da Ordem Franciscana é preeminente. Descrevo, acima, de um lado, a importância dos Capítulos para a promoção e a difusão dos novos cultos, como também da obra de Antônio Daça (ou Daza), que vimos participando do Capítulo de 1606, e que, dali a pouco, fará imprimir um trabalho monumental, indispensável ao conhecimento das missões franciscanas. Em 1611, publica-se, em Valladolid, a *Quarta parte de la chronica general del nuestro Serafico Padre San Francisco y su Apostolica Orden*, seguida da obra de Marcos de Lisboa, bispo da cidade do Porto (morto em 1580), o qual havia redigido uma *Chronica Ordinis Minorum tribus partibus distincta*, que Daça continua até 1600, imprimindo-a justamente em Valladolid e dedicando-a a Felipe III. Este franciscano espanhol, *Difinidor de la provincia de la Concepción* e *Cronista general de la Orden del Serafico Padre*, custódio e “insigne guardião do Convento de Valladolid, comissário geral da Cúria para a família siciliana em Urbe [Roma] sob Gregório XV”,<sup>120</sup> escreve “as vidas de novecentos e quarenta e três santos, produzidas nestes últimos tempos pela Regular Observância de nosso Padre São Francisco, [...] dos quais setecentos e quarenta e dois [...] derramaram seu sangue pela confissão da fé”.

O autor declara ter consultado amplamente memoriais de primeira mão, relações autênticas, processos retirados de arquivos, testemunhas juradas e livros fidedignos de história, documentação de primeira mão disponível em latim, italiano, português, catalão, japonês e castelhano. O conjunto dessas informações divide-se em quatro livros, respectivamente dedicados à conversão das Índias Orientais, das Índias Ocidentais, à perseguição da Ordem e à apostasia na Inglaterra e, finalmente, o livro quarto, que recolhe as notícias de “*veynte y seys Ministros Generales de la Orden; las vidas de algunos santos y religio-*

<sup>120</sup> Ver Waddingus, *Scriptores Ordinis minorum*, Roma: 1906.



*...sos, martyres y confesores, con muchos milagros y varios acaecimientos, ecc*”, dentre os quais Antônio de Noto e Benedito de São Fratello.

Ambos, portanto, são bem conhecidos no ambiente franciscano, ferreamente engajado na evangelização dos índios e dos escravos africanos, frutos do tráfico negreiro. Tem, portanto, origem na Península Ibérica, por vontade e intervenção da Ordem Seráfica, um projeto devocional a seu favor, concebido sobre a base da necessidade de evangelização nas terras de conquista: são santos negros e para os negros caem às mil maravilhas! Nos Capítulos, os delegados da Ordem enfrentam os problemas da conversão dos povos negros das Américas, lembrando, ao mesmo tempo, dos veneráveis servos de Deus que, na Sicília, terra de fronteira, atraíram com as virtudes e as graças a devoção de todo tipo de pessoa.

Daça dedica a Benedito poucas páginas e, nas margens, não anota, contrariamente a quanto declara, nenhuma referência arquivística ou bibliográfica, presumivelmente possui do caso apenas um conhecimento indireto, por ouvir falar do processo e das testemunhas surgidas naquelas circunstâncias. Insiste na característica racial do frade de modo obsessivo: “sendo negro”, Benedito confirmou o dito popular que afirma que “de terra negra bom pão levanta”; “sua mãe foi uma negra escrava de um cavaleiro da casa Lança: e assim o filho, seguindo a condição da mãe, nasceu negro e escravo”; era, “apesar de negro, agraciado e honesto”; tornado eremita “apesar de negro, foi o branco de todos os valores espirituais daquele tempo”.<sup>121</sup>

Que passe a ser venerado em efígie e que uma imagem miraculosa seja colocada no convento de São Francisco da Cidade de Los Angeles, quase espontânea consequência da sua descrição, representa, cronologicamente, a primeira indicação sobre seu culto nas Américas. Daça refere expressamente que a Inquisição siciliana deu autorização para que fosse pintado “com raios de resplendor e diadema na cabeça”.

Maior espaço Daça dedica a Antônio de Calatagirone, ou de Noto, morto em 1549 [sic] e cujo processo de canonização estava em fase avançada: também “negro, nascido nos montes de Barca [...] não só foi

<sup>121</sup> Todas as citações de Daça in *Quarta parte de la cronica general*, pp. 66-68.



negro como os de Guiné, Xalofe e Monicongo, como também Mouro, nascido e criado na lei de Mahoma, e filho de pais Mouros e negros”.<sup>122 \*</sup> Benedito era negro e filho de escravos, mas, pelo menos, os seus genitores tinham-se tornado cristãos e o haviam educado segundo os preceitos desta religião; no caso de Antônio o contraste é ainda maior: ele é o pior dos homens, pela raça e pela religião, e pode representar muito bem a apoteose do “Primeiro Artífice”, o qual, quanto mais a matéria é vil e desprezível aos olhos dos homens, tanto mais ele a aperfeiçoa, mostrando a sua onipotência. Contudo, ambos os mouros são identificados pelo mesmo destino missionário, viajam juntos para o Novo Mundo, reencontramo-los frequentemente, de Lisboa a Ouro Preto, nos mesmos altares. Ainda nos inícios do século XIX, os manuais de piedade, dedicados aos homens de cor, colocam Antônio de Calatagirone, “dito o Santo Negro, por causa de sua cor”, ombro a ombro com “Benedito de Palermo, dito o Mouro, por causa de sua cor”.<sup>123</sup>

Antônio é representado com túnica franciscana e auréola, tem na mão a pedra com a qual golpeava-se no peito, cada vez que ouvia um xingamento; podemos encontrá-lo nas igrejas franciscanas, desde a Colômbia até a Venezuela, do México ao Brasil. Junto a Benedito, o pastor e o cozinheiro representam os escravos ideais, analfabetos, trabalhadores dóceis e confiáveis. O frágil Antônio indicava um modelo ascético concentrado no trabalho, na oração, na penitência; Benedito representava o escravo ideal, “analfabeto, trabalhador manso e tão fiel que se podia confiar a ele o cuidado dos senhoritos brancos, como se dava à nutriz africana o de amamentá-los”.<sup>124</sup> Com a imagem do menino Jesus ternamente seguro entre os braços, aludia à necessidade de, em uma condição de desproporção demográfica entre brancos e negros, como acontecia nas plantações, nas minas e nas cidades das colônias, senhores e escravos se amassem como o frade negro amava aquele menino branco que fixava com o olhar adorante de uma ama de leite africana.

<sup>122</sup> *Quarta parte*, pp. 155-169.

\* Lembremos que este Antônio de Noto, o primeiro Antônio Etíope, nada tem a ver com Calatagirone (N.d.T.).

<sup>123</sup> Grégoire, *Manuel de piété*, pp. 89-92 sobre Antônio, e pp. 93-103 sobre Benedito.

<sup>124</sup> Martínez López, *Tablero de Ajedrez*, p. 123.



*Texto recebido em 22/12/2006 e aprovado em 22/12/2008*

#### **Resumo**

Este artigo trata dos processos de canonização de dois escravos africanos, Benedito e Antônio, que a guerra corsária, o tráfico e o enfrentamento entre os Estados cristãos e o Império Otomano levam à Sicília, no contexto do Mediterrâneo da era moderna. Ao lado de outros “servos de Deus” de vida exemplar, ambos são integrados à Ordem Franciscana e alçados aos altares após a morte, porém com reciprocidade no processo, pois, por sua vez, cristãos escravizados em território africano “tomam o turbante”, chegando alguns a tornar-se autoridades muçulmanas locais. A Sicília, vice-reino espanhol próximo à costa africana do norte, é uma encruzilhada cultural e ao mesmo tempo um laboratório privilegiado para a atividade das ordens religiosas e a construção de modelos de santidade negra, que possam facilitar a conversão dos escravos. Os dois santos negros oferecem às ordens uma brilhante oportunidade de idealizar as condições da escravidão enquanto via que, através do sofrimento, poderia conduzir ao prêmio supremo, o paraíso celeste. O artigo retrata a promoção da fama dos dois santos pelos franciscanos na América Latina, e a construção de uma lenda hagiográfica que chega à Europa como parte do processo de canonização.

**Palavras-chaves:** Benedito, o Preto, Antônio Etíope, santidade negra, evangelização de escravos negros, missões franciscanas.

#### **Abstract**

*This article discusses the process of canonization of two African slaves, Benedict and Anthony, who were taken to Sicily through a combination of piracy wars, the slave trade and conflicts between Christian states and the Ottoman Empire in the context of modern-era Mediterranean. Along with other “servants of God” with exemplary lives, they both joined the Franciscan Order and were elevated to the altar after their deaths, while enslaved Christians in African territory “took the turban” with some even became local Muslim authorities. Sicily, a Spanish vice-kingdom near the northern African coast, was a cultural crossroad and for at the same time a privileged laboratory for the activity of religious orders and the construction of models of black sainthood that facilitated the conversion of African slaves. The two black saints offered the orders a brilliant opportunity to idealize the conditions of slavery as a path that could lead, through suffering, to the ultimate prize: heavenly paradise. The article outlines the two Franciscan saint’s rise to fame in Latin America, and the construction of a hagiographic legend that came to Europe as part of the process of their canonization.*

**Keywords:** Benedict the Black, Anthony Ethiopian, black sainthood, evangelization of slaves, the Franciscan missions.